

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

PORTUGAL, Alpoim Alves,  
*Carisma e Missão*

BERNARDO, Manuel,  
*Os Carismas na Igreja*

LEAL, Agostinho Reis,  
*Missão e Testemunho  
na Vida dos Religiosos*

ORTIGA, D. Jorge Ferreira da C.,  
*Identidade Teológico-Pastoral  
do Presbítero na Igreja Comunhão-  
Missão à Luz da Pastores Dabo Vobis*

VIEIRA, José Gonçalves,  
*O presbítero, ministro da Eucaristia*



# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

*Carisma e Missão* ..... 163

MANUEL BERNARDO

*Os Carismas na Igreja* ..... 165

AGOSTINHO LEAL

*Os Religiosos na Nova Evangelização:  
Missão e Testemunho* ..... 181

D. JORGE FERREIRA DA C. ORTIGA

*Identidade Teológico-Pastoral do Presbítero  
na Igreja Comunhão-Missão à Luz da Pastores Dabo vobis.* 205

JOSÉ GONÇALVES VIEIRA

*O Presbítero, Ministro da Eucaristia* ..... 221

---

NÚMERO 3

Julho - Setembro 1993

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

---

---

## Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

## Director

P. Alpoim Alves Portugal  
Centro de Espiritualidade  
Avessadas ☎ 055.534207  
4630 MARCO DE CANAVESES

## Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Jeremias Carlos Vechina  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Mário da Glória Vaz  
P. Pedro Lourenço Ferreira

## Redacção e Administração

Edições Carmelo  
Rua de Angola, 6  
Paço de Arcos ☎ 01.4433706  
2780 OEIRAS

Assinatura Anual .....	2.000\$00
Espanha .....	Ptas 2.000
Estrangeiro .....	USA \$ 25
Número avulso .....	600\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

# CARISMA E MISSÃO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para proveito comum. A um, o Espírito dá uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro, a fé, no mesmo Espírito; a outro o dom das curas, nesse único Espírito; a outro, o operar milagres; a outro a profecia; a outro o discernimento dos espíritos; a outro, o falar diversas línguas; e a outro ainda o interpretar essas línguas. Tudo isto, porém, o opera o mesmo e único Espírito, que distribui a cada um, conforme entende».<sup>1</sup>

Esta tão conhecida passagem da primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios, dá-nos a razão de ser da escolha do tema que fizemos para este número da nossa Revista de Espiritualidade, «MISSÃO E CARISMA».

Afinal, o simples facto da existência cristã, o ser-se cristão, é estar possuído «conaturalmente» de uma maneira pessoal e própria de viver e actuar no meio de tantos irmãos e irmãs que receberam a mesma capacidade de ser e de estar no mundo, de modo que, incorporados e enxertados em Cristo, pelo Espírito Santo, venham a ser totalmente Corpo Seu.

Um conhecido teólogo alemão, Hans Küng, definia «carisma», em sentido lato, como «o chamamento de Deus dirigido a cada um para que realize um determinado serviço na comunidade, e que o capacita, ao mesmo tempo, para o realizar».<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> 1Cor 12, 4-11

<sup>2</sup> H. Küng, *La Estructura carismática de la Iglesia*, in *Concilium* 4 (1965) pp. 62-63

O carisma é um dom, mas que não fica aí, como algo puramente automático ou mágico; é uma graça, mas não como uma coisa simplesmente dada para me gozar nela, ou para me gloriar dela; é uma vocação e a *capacitação* para darmos uma resposta segundo o carisma próprio que nos foi dado. Deste modo os «carismas», como dons ou graças de Deus para construir a Sua comunidade através dos escolhidos são, ao fim de contas, a concretização e actualização daquela palavra de S. Paulo aos Filipenses: «Deus é quem produz em nós o querer e o operar segundo o seu beneplácito».<sup>3</sup>

O dom ou graça primeira, primordial, é Jesus Cristo, Filho de Deus. É Deus Pai quem, por intermédio de Seu Filho, nos faz Seus no que nos dá de Si mesmo, a fim de que, depois dessa experiência que nos foi dada no Espírito Santo para a edificação da Igreja, presença e visibilidade de Deus entre os homens, cada um de nós o partilhe com os outros.

Este número 3 da Revista de Espiritualidade pretende, com as reflexões apresentadas, ajudar a tomar consciência da nossa eleição como cristãos e do dom que nos foi dado em ordem à missão que deve determinar toda a nossa vida e que é como que a sua razão de ser. Jesus é para todo o cristão, o caminho da verdade que dá vida; Aquele por cuja pessoa se sente uma irresistível fascinação; n'Ele encontra a pérola preciosa, o tesouro escondido, a presença do Reino e a presença misteriosa do Pai, embora depois cada um, conforme o carisma que lhe foi dado, se apaixone por Jesus a partir das perspectivas e facetas muito concretas da Sua vida terrena, de modo a que se complete na acção-missão da Igreja, a acção-missão do mesmo Jesus, o Filho de Deus enviado ao mundo para o redimir e salvar.

Cada dia mais vamos sabendo da vida que temos em nós e do testemunho que cada um deve expressar no meio em que vive.

---

<sup>3</sup> Fil 2, 13

## OS CARISMAS NA IGREJA

MANUEL BERNARDO

«O Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes; mas, distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz (1 Cor 12, 11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: *a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum* (1 Cor 12, 7)» (*Lumen Gentium*, 12).

Tornou-se bastante frequente, após o Concílio Vaticano II, falar dos Carismas da Igreja. Mas, na sua grande maioria, são estudos ou reflexões marcadamente especulativos, que pouco contribuem para a revitalização prática do Povo de Deus, das comunidades cristãs e da sua Missão evangelizadora, em que estamos empenhados.

Outras vezes fala-se dos Carismas já de uma forma mais vital, em relação à espiritualidade, mas sem a necessária referência aos ministérios, de que também se fala muito hoje, numa perspectiva, porém, meramente funcional.

Resultado? As actividades apostólicas multiplicam-se, assim como as técnicas pedagógicas e pastorais, mas quase se não sentem os

efeitos desejados. Esquece-se a ligação, que não deveria faltar, entre a acção pastoral e uma união forte na fé e no amor a Cristo, sob a acção do Espírito Santo, que está na base dos carismas.

## Reavivar os carismas para a renovação da Igreja

Ora, a *Nova Evangelização* – que, após o mote lançado por João Paulo II, conquistou o interesse de quase toda a Igreja Católica, desde os programas oficiais das dioceses até a múltiplos Institutos e Movimentos especialmente empenhados nela – não acontecerá sem uma autêntica *auto-evangelização*.

Isto é, a Nova Evangelização não deve olhar apenas para as novas condições sócio-culturais em que o Evangelho tem que ser anunciado. Ela supõe o retomar de um novo *dinamismo*, sob a força (*dýnamis*) do Espírito Santo – o dinamismo do Pentecostes – por parte das comunidades cristãs, e dos evangelizadores em particular.

Não foi nessa perspectiva que João XXIII e Paulo VI entreviram o Vaticano II como um «Kairós» de Deus? E não é para aí que apontam os dois últimos grandes documentos papais sobre a Evangelização – diríamos mesmo da Nova Evangelização – a saber, a *Evangelii Nuntiandi* e a *Redemptoris Missio*? Recordemos particularmente o capítulo VII da primeira, sob o título «O Espírito da Evangelização», e os capítulos III e VIII da segunda, com os seguintes títulos: «O Espírito Santo Protagonista da Missão» e «A Espiritualidade Missionária».

Estes são os verdadeiros horizontes a ter em conta por quem queira falar dos Carismas na Missão da Igreja.

E o discurso sobre os Carismas na Igreja ficaria muito reduzido, se nos cingíssemos àqueles textos do N. T. onde aparece esse termo: 16 vezes em S. Paulo, e 1 em S. Pedro. Pois a realidade para que apontam os Carismas, está bem presente já na vida de JESUS (nos Evangelhos, a seguir ao Baptismo no Jordão) e na referência à acção do ESPÍRITO SANTO (quer nos Evangelhos, quer sobretudo nos Actos dos Apóstolos, que nos falam da IGREJA nascente).



O discurso de Paulo sobre os Carismas outra coisa não é do que uma reflexão sobre a acção do Espírito Santo e seus efeitos, que já vinham acontecendo nas comunidades desde o dia do Pentecostes.

### 1. A interpelação do Renovamento Carismático

Nessa perspectiva, não podemos deixar de fazer uma referência expressa a um acontecimento espiritual recente, que, em poucos anos, varreu não só a Igreja Católica inteira, como também as Igrejas Evangélicas, vindo a provocar uma forte sacudidela em todas elas. É o que se deu em chamar Renovação Carismática ou Renovamento Carismático, inspirado no Pentecostalismo protestante, dando entrada na Igreja Católica precisamente logo a seguir ao Concílio Vaticano II, em princípios de 1967.

Na palavra do Card. Suenens, o Renovamento Carismático é uma grande graça de Deus à Igreja e ao mundo do nosso tempo, depois da primeira que foi o Concílio Vaticano II.

O curioso é que, tendo invadido sobretudo os meios mais populares, teve a sua origem em meios universitários. Primeiro, em Duquesne (Pittsburg - USA) e, depois, em Michigan.

Um punhado de estudantes e alguns professores de Duquesne — ligados aos Cursilhos de Cristandade — partilhavam as suas experiências de fé em tempos fortes de oração. Pensando no grande fervor e nos extraordinários frutos apostólicos das primeiras Comunidades cristãs, verificavam o contraste com a situação do Cristianismo actual, com que não se conformavam, ao mesmo tempo que sentiam dentro de si mesmos um certo vazio.

Ao terem conhecimento, por meio do livro «A Cruz e o Punhal», das maravilhas operadas por Deus entre jovens drogados de Nova Iorque através do pastor pentecostal David Wilkerson, ficaram profundamente impressionados.

Puseram-se a aprofundar os Actos, invocando diariamente, com muito fervor, o Espírito Santo, e entraram em contacto pessoal com um grupo de oração pentecostal episcopaliano, que reunia numa casa particular. Na festa do Baptismo do Senhor, oraram com eles, assim como na semana seguinte. Pedem a Deus uma nova efusão do Espírito sobre

si mesmos. A Sua manifestação fez-se sentir por diversos sinais. E, com a presença dos dons do Espírito Santo em cada um deles e no grupo, ficaram tomados de um novo dinamismo.

A partir daí, à maneira de um grande incêndio, foi um movimento de entusiasmo e força da Palavra de Deus que alastrou pelos cinco Continentes. O primeiro grande Congresso em Roma (Outubro de 1973), com todas as manifestações do Espírito e com a bênção do Papa Paulo VI, significou o seu reconhecimento e aceitação na Igreja inteira desta Renovação no Espírito. Hoje contam-se por cerca de 30 milhões de pessoas atingidas por essa corrente de graça.

Seguiram-se documentos de várias Conferências Episcopais, que reconhecem ali o dedo de Deus, embora apontando alguns riscos, como um certo afã sensacionalista de carismas extraordinários, excesso de espaço dado à emoção, e algum fundamentalismo na maneira de utilizar a Palavra da Sagrada Escritura. Isto sobretudo nos primeiros tempos.

E, se pelos frutos se conhece o que é e não é de Deus, aí estão à vista os múltiplos efeitos da acção do Espírito Santo em tantos grupos de oração e comunidades cristãs de tipo novo: numerosas conversões; muitas pessoas que se entregam totalmente a Deus e ao Seu Reino na Igreja; paróquias renovadas; obras e pessoas ao serviço dos pobres e marginalizados; impulso ao movimento ecuménico; pessoas que se sentem curadas, física e sobretudo espiritualmente; um impulso novo dado à evangelização, uma evangelização viva, em grupo e pelo testemunho pessoa a pessoa, à imitação do que fazem os irmãos evangélicos.<sup>1</sup>

## 2. O regresso do Concílio Vaticano II às fontes

Muitos outros germes de renovação surgiram, por impulso do Espírito Santo, na Igreja após o Concílio. Se falámos de forma mais expressa do Renovamento Carismático, é simplesmente porque ele dispensa uma atenção especial aos Carismas, embora sabendo que não se arroga

---

<sup>1</sup> Para mais informações, cf. o livro de Monique Hébrard, jornalista de «Actualité Religieuse dans le Monde»: OS CARISMÁTICOS, Ed. Perpétuo Socorro, 1992.

o monopólio dos mesmos no Povo de Deus. Ao contrário, como afirmou o Card. Suenens, a sua missão é suscitar uma maior abertura de toda a Igreja ao Espírito Santo e aos Seus Carismas, e desaparecer. Por isso nem se apresenta como um movimento organizado, pois nem sequer existe qualquer referência a um fundador humano.

A sua oportunidade veio ao encontro da falta de sensibilidade que na Igreja latina se fazia sentir, como se viu durante o Concílio, com relação aos carismas, sobretudo os mais extraordinários. A Teologia clássica defendia que os mesmos se desenvolveram na Igreja primitiva e depois tinham desaparecido. Por isso, não admira que, num exame atento dos textos preparatórios do Concílio Vaticano II – um conjunto de 48 volumes – não se mencionava a palavra «carisma» nem uma só vez. E o Espírito Santo só aparecia três vezes!...

Neste ponto havia uma diferença abissal entre a Igreja latina e as Igrejas orientais. No Ocidente, deixou-se de falar dos Carismas em parte devido ao facto de na versão Vulgata da Bíblia, carisma passou a ser traduzido por graça ou dom. No Oriente, pelo contrário, manteve-se mais viva a consciência sobre o Espírito Santo e os Carismas. Para os cristãos orientais, dizer «carisma» é afirmar a presença contínua e operante do Espírito Santo no Povo de Deus. Afirmer Espírito Santo é recordar as Suas manifestações, que são os Carismas, em toda a sua diversidade e unidade.

Todavia, na altura em que se realizou o Concílio já a Teologia mais avançada estava em renovação através do recurso às fontes, isto é, à Sagrada Escritura e aos Santos Padres. Apesar disso, nas duas primeiras redacções sobre a Igreja apresentadas à aprovação do Concílio, ainda era omisso o tema sobre os Carismas. Foi preciso que o Card. Suenens e outros – em contraposição aos mais conservadores, com o Card. Ruffini à frente – travassem a batalha a favor dos Carismas. E isso levou a uma viragem profunda no texto sobre a Igreja, que acabou por aceitar a doutrina primitiva sobre a realidade carismática e o papel importantíssimo do Espírito Santo no Povo de Deus.

Daí, as referências expressas de várias passagens do Concílio Vaticano II aos Carismas, como esta: «Estes Carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e espalhados, devem ser recebidos com acção de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Mas os dons extraordinários

não se devem pedir temerariamente, nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas».<sup>2</sup>

De acordo com V. Manzanedo, na sua obra especializada sobre os Carismas no Concílio (*Carisma - Ministerio en el Vaticano II*, Ed. PS, Madrid, 1982) podemos resumir as conclusões conseguidas pelos debates conciliares, aliás, fundamentados na doutrina do N.T., sobretudo em S. Paulo:

– Não há duas Igrejas (ou duas concepções de Igreja): uma hierárquica e outra carismática. Mas uma única Igreja com diversas funções ou tarefas.

– É o Espírito Santo que concede os Carismas; Ele é fonte de todos eles.

– Há carismas ministeriais e não-ministeriais. Os primeiros são fixos, supeditados a um ministério (hierárquico) ou serviço. Os outros são espontâneos ou livres.

– Há carismas especiais – como a Vida Consagrada – e carismas ligados a um estado normal de vida, como o matrimónio.

– Há carismas extraordinários, correspondentes a circunstâncias especiais da Igreja.

– Há que colaborar com os carismas. Eles não dispensam o trabalho e a prudência nem poupam sacrifícios.

– Todos os carismas são para utilidade e crescimento da Igreja. Devem estar submetidos ao juízo e disciplina da Igreja.

---

<sup>2</sup> Ver também o texto muito importante em *Apostolicam Actuositatem*, nn. 3 e 4 (sobre o Apostolado dos Leigos).

## Os carismas, manifestações do Espírito

Após o Concílio, abundam os estudos sobre o Espírito Santo e os Carismas, realizados tanto por exegetas, teólogos e pastoralistas. O que são os Carismas? Vamos procurar dar uma ideia fundamental sobre os mesmos.

### 1. Os Carismas em S. Paulo

Todos os exegetas estão de acordo em que Carisma (em grego, Kárisma), vem de Káris (graça ou favor divino) e significa *Dom da graça*, portanto, Dom gratuito.

A Graça de Deus por excelência é Jesus Cristo, o Cristo, e o fruto da Sua salvação para nós – a vida eterna. Mas, através do Espírito Santo, em Cristo, Deus concede-nos uma abundância grande de *dons*, que são desde a Vida nova no Espírito (ou graça santificante) e outros dons ligados à mesma (como a fé, a esperança e o amor), até outros dons gratuitos e passageiros, que o Espírito Santo concede, não já em ordem à própria santificação, mas à salvação dos outros, à difusão e edificação da Igreja.

É a estes últimos, entendidos no sentido mais restrito, que S. Paulo denomina especificamente como Carismas, em ordem a testemunhar Cristo e a Sua salvação. É na sua primeira Carta aos Coríntios que Paulo apresenta a sua doutrina mais aprofundada sobre a natureza e uso dos carismas.

A definição de base dos mesmos encontramos-la em 1 Cor 12, 7: «A cada qual se concede a manifestação do Espírito para proveito comum». E em 1 Cor 7, 7 explicita: «Cada qual recebe de Deus o próprio dom, este de uma maneira, aquele de outra».

O Espírito distribui os seus dons a cada um em particular segundo a Sua vontade.

Esses dons são diferentes, mas, na sua complementariedade, todos contribuem para realizar a obra do Senhor.

## 2. Uma explosão de Carismas na Igreja primitiva

O Espírito Santo é o grande dom de Deus, em Cristo, por excelência. Ele é a «Promessa do Pai» (Lc 24, 49). A Ele devemos todas as graças relacionadas com a nossa filiação divina e o nosso crescimento pessoal em Cristo.

Mas, além disso, o próprio Jesus quis «revestir-nos com a *força do Alto*», para sermos as «testemunhas» da Sua morte e ressurreição salvadoras (Lc 24, 4). «Descerá sobre vós a força (dýnamis) do Espírito Santo» (Actos 1, 8).

E desta «força» nova tornaram-se patentes os *efeitos extraordinários* no dia do Pentecostes, após os Apóstolos «ficarem cheios do Espírito Santo» (Act 2), começando a dar testemunho de Jesus de uma maneira nova. E foi perante essas «manifestações» extraordinárias do Espírito que a gente se interrogava: «Que vem a ser isto?»

Entre tais manifestações, contavam-se as línguas, o louvor de Deus e a proclamação das Suas maravilhas, a profecia — ou falar em nome de Deus — a coragem dos apóstolos e a sua fé invencível no anúncio desassombrado de Jesus como Chefe e Salvador.

E os seus frutos ficaram à vista com a conversão de inúmeras pessoas, que se sentiram tocadas pelo Espírito no seu coração e perguntavam aos Apóstolos: «Que havemos de fazer, irmãos?...» Aceitaram a Palavra e receberam o Baptismo.

As maravilhas de Deus continuaram a operar-se de maneira palpável na comunidade dos crentes e no testemunho corajoso dos Apóstolos e de outros discípulos acerca de Jesus, sempre dispostos a dar a vida por Ele.

E isto que acontecia na primitiva Comunidade cristã, a de Jerusalém, repetir-se-ia de forma similar, mas com as suas peculiaridades próprias, nas outras Comunidades: a de Antioquia, a de Corinto, a de Roma...

Será a propósito de certa dificuldade na harmonização de tal riqueza de Carismas em Corinto, que Paulo trata de fazer luz e pôr ordem naquilo a que o mesmo chama expressamente «manifestações do Espírito»: palavra de sabedoria ou de ciência, dom das curas, operar milagres, profecia, discernimento dos espíritos, falar línguas e o dom de interpretá-las (1 Cor 12, 8-10).

Tudo isso são «manifestações do Espírito», isto é, *expressões sensíveis da intervenção poderosa e imediata do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, sinais da presença actuante de Cristo Ressuscitado.*

### 3. Como entender os Carismas?

Trata-se, pois, de efeitos da *intervenção especial* de Deus, do Espírito de Cristo Ressuscitado. Mas devemos entender essa intervenção sensível e especial do Espírito de Deus *como milagre* em sentido estrito? Ou como *simples fruto de qualidades humanas*, naturais?

Há aqui dois extremos a evitar na ideia que se tem quanto à origem imediata dos Carismas. Um é a concepção daqueles que pretendem ver em cada um dos Carismas um milagre, como sendo acções de ordem preternatural. Sobretudo quando se fala de línguas, de profecias, de curas.

Erro contrário é o daqueles que não vêem nos Carismas senão o resultado de qualidades naturais ou psicológicas, mais ou menos secretas, mais ou menos extraordinárias, próprias do mediador humano.

Não podemos pôr de lado nem o elemento humano natural nem a intervenção do poder divino. Pois Deus costuma actuar de harmonia com a natureza e a cooperação do homem. O próprio Cristo e a Sua acção salvadora está marcada pela dupla dimensão *teândrica*, isto é, divino-humana.

A existência de milagres propriamente ditos deve considerar-se raríssima, mesmo nas curas físicas e na libertação de outros males de ordem física ou psíquica. Isso não dispensa que, como adverte o próprio Concílio, devamos ter na devida consideração mesmo aqueles Carismas mais usuais e humildes, como são os de simples serviço ou assistência. Também aqui está presente o Espírito de Deus, que, com a sua moção secreta, leva o crente a agir na fé, na humildade e na caridade, da mesma forma que inspira a sabedoria e ciência divino-humanas nos dons proféticos de pregação, ensino, exortação, ou nos de discernimento dos espíritos e de interpretação das línguas.

«Tudo isto, porém, opera o mesmo e único Espírito, que distribui a cada um conforme entende» (1 Cor 12, 11; Rom 12, 3; Ef 4, 7). Pela mesma razão – e porque todos os membros ou fiéis «constituem um só

corpo», o de Cristo (1 Cor 12, 12; Rom 12, 14) – tudo pode e deve ser exercido em boa harmonia, sob o signo da caridade, como reclama o próprio Paulo ao longo de 1 Cor 12-14.

E é nessa condição que o mesmo exorta os Coríntios: «Uma vez que aspirais aos dons espirituais, procurai tê-los em abundância para edificação da Igreja» (1 Cor 14, 12). Pois este deve ser o objectivo final dos mesmos Carismas – a edificação da Igreja, do Corpo de Cristo, e não a própria afirmação, isto é, a satisfação individualista ou o evidenciar-se por cima dos outros. No mesmo sentido se exprime 1Ped 4, 10.

## **A Igreja, toda ela Carismática**

Esta é a conclusão a que uma reflexão mais alargada nos permite chegar. E seria erróneo reservar os Carismas só a determinados sectores de pessoas ou grupos da Igreja, ou ver oposição entre os Carismas e Ministérios ordenados, ou hierárquicos. Também os ministros ordenados são carismáticos, pois o Ministério pastoral é dom do Espírito Santo à Igreja, como ensina o Concílio Vaticano II.

### **1. Jesus o primeiro carismático**

A razão explicativa de tudo isso está em Jesus que é *o primeiro e original carismático*, como aparece nos evangelhos a partir do Seu baptismo no Jordão. Após a descida do Espírito Santo, passa a gozar da *experiência sensível* e única de Deus Pai. Mais, é destinado, sob a animação do mesmo Espírito, a transmitir essa mesma experiência vital de Deus, da filiação divina, aos outros homens. Tal é exactamente a Sua missão profética.

É nesse sentido que Ele aparece nos evangelhos, e mais expressamente em Lucas, como o CRISTO (Ungido de Deus), o PROFETA, a TESTEMUNHA. Ele é, pois, o Profeta por excelência que, *tendo a experiência plena do Pai no Espírito Santo*, foi destinado a *comunicá-la a todos*.<sup>3</sup>

Aquilo que acontece a seguir ao Pentecostes em Actos e nos é explicado por Paulo, sobretudo em 1 Cor 12-14, tem a sua matriz e referência fundamental no Baptismo de Jesus por João. Aí aparece



Jesus solidário com o pecado da humanidade, que vem a salvar. Aí se dá a «manifestação» do Espírito Santo, que desce sobre ele em forma sensível de pomba, de modo que pôde ser perceptível não apenas por Jesus, mas também pelos circunstantes (Jo 1, 32).

Tal teofania aconteceu quando Jesus se encontrava em ORAÇÃO, após sair da água, fazendo-se ouvir o testemunho do Pai: «Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu enlevo» (Lc 3, 22).

A descida do Espírito Santo acontece, pois, na oração, isto é, na união filial com Deus. A oração é mesmo o primeiro Carisma ou dom do Espírito, que está na base de todos os outros. A oração é a porta para os Carismas. Não aparece Jesus, de seguida «CHEIO DO ESPÍRITO SANTO», entregue à Sua missão com todo o PODER, expresso na Palavra e nos Sinais realizados (Lc 4, 1-18)? Na *Palavra* ou *Profecia* «anunciando a Boa Nova aos pobres»; e nos *Sinais*, com que Ele corrobora a Sua Mensagem.

Aí temos como os restantes Carismas se ligam directamente ao Carisma central, que é a Profecia, o Testemunho do Amor do Pai e da salvação de todos.

Talvez assim compreendamos melhor o que diz Paulo: «Procurai a caridade, mas aspirai também aos dons espirituais, especialmente a profecia» (1 Cor 14, 1). Quer dizer: antes de mais, procurai afiançar-vos e crescer na caridade, pois foi para isso que o Pai nos enviou o Seu Filho como Testemunha e Salvador, a fim de vivermos na comunhão de AMOR com Deus e com os irmãos. Assim, a caridade e Vida nova no Espírito constituem a meta e a razão de ser não só da vinda de Jesus como também dos carismas ou dons do Espírito.

Mas seria através dos Seus, da Igreja, que Jesus iria continuar a sua missão até ao fim dos tempos. Por isso, Ele tratou de transmiti-lhes a Sua mesma experiência nova de Deus e de torná-los participantes do mesmo Dom do Espírito, dos Seus Carismas, para que, por sua vez, pudessem comunicar aos outros essa mesma experiência da salvação e comunhão divinas.

---

<sup>3</sup> Cfr. H. Mühlen, *A Exercitação na Experiência Fundamental do Cristianismo*, Ed. Sampedro, Lisboa, 1984, pp. 94ss. H. Mühlen é um dos teólogos que mais se têm distinguido em aprofundar o estudo sobre o Espírito Santo.

A isso se destinou o «*Mandato missionário*» («Ide por todo o mundo...») e o *Pentecostes*: «Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis Minhas testemunhas» (Act 1, 8).

Aí está a origem e razão de ser da Igreja enquanto tal: ser presença de Jesus no meio dos homens em ordem a comunicar a Sua salvação a todos. E, por isso, dizemos que a Igreja é essencialmente PROFÉTICA no sentido forte do termo – à semelhança de Jesus, participando do Seu mesmo Espírito – e, simultaneamente CARISMÁTICA, porque, graças ao Espírito Santo, não só lhe é concedido este dom fundamental – a Profecia, a Missão evangelizadora – mas também a abundância de outros dons carismáticos, que tornem operante, credível e frutuosa a sua palavra testemunhante (cf. Mc 16, 15-20).

## 2. Carismas vocacionais e Carismas operativos

Segundo S. Paulo, há os Carismas em sentido restrito – de acordo com a perspectiva apresentada em 1 Cor 12 e 14, dos quais falámos atrás – em ordem à edificação da Igreja e à sua Missão, isto é, à comunidade cristã como «corpo de Cristo». E há outra classe de Carismas, em sentido mais amplo, verdadeiros e fundamentais dons da graça divina, aos quais também S. Paulo se refere, se bem que menos frequentemente. São os Carismas *vocacionais*, que expressam as diferentes formas de vivência cristã pessoal ou de grupo, de acordo com a originalidade de cada pessoa ou agrupação cristã, e o dom do Espírito Santo que actua em nós.

Aí têm a sua raiz as várias vocações e espiritualidades específicas. Todas as vocações e estados de vida são carismáticos, porque todo o dom de Deus e vocação cristã estão chamados a tornar Deus participante aos outros na mesma comunhão com Cristo, por graça do Espírito Santo.

À virgindade e ao celibato pelo Reino dos Céus, assim como ao matrimónio, S. Paulo refere-se de maneira desenvolvida no cap. 7 da primeira Carta aos Coríntios. Sobretudo marca a sua posição acerca destes e outros possíveis Carismas da seguinte maneira, muito concisa: «Cada qual recebe de Deus o seu próprio dom, este de uma maneira, aquele de outra» (v. 7).

A virgindade é apresentada como o melhor caminho possível a seguir. Mas o matrimônio, se não for resultado da simples apetência natural, e for encarado como «casamento no Senhor», numa linha de entrega e santificação mútuas no interior da comunidade, é igualmente considerado como Carisma vocacional específico.

Podíamos, de igual forma, falar do estado de viuvez, da vocação do doente e de tantas outras opções de vida e vocações existenciais, quando no seu horizonte está o serviço à Igreja e à sociedade. Delas fala o Concílio na *Lumen Gentium*, n. 43.

Da maneira como cada cristão ou comunidade viverem a sua vocação como serviço (*diakonia*) ao serviço da missão, dependerá a vitalidade real da Igreja e das comunidades locais e religiosas. Mas dependerá outro tanto da forma como forem vividos e exercidos os Carismas *operativos* ou funcionais, estejam eles ligados aos *ministérios instituídos* na Igreja (ordenados ou não-ordenados), ou correspondam a tantos e variados *serviços eclesiais* espontâneos.

Os Carismas vocacionais e os dons ministeriais ou pastorais constituem, respectivamente, a *estrutura carismática* e a *estrutura social* ou *hierárquica* da Igreja. O que não quer dizer que esta última não seja também de origem divina e assistida pelo Espírito Santo.

Os Ministérios dizem respeito à «estrutura de aliança», permanente, visível, legada por Cristo à Sua Igreja, e estão ao serviço da obra do Verbo encarnado, na Sua acção mediadora na relação de Deus com os homens. Os Ministérios pastorais e os Sacramentos – como realidades visíveis – garantem-nos que a acção salvadora de Cristo tem uma referência consistente e não é fruto da magia ou ilusão espiritualista. A eficácia dos Sacramentos vai unida não à graça de quem os administra, mas à graça do próprio ministério ou acção sacramental.

## **Os Carismas e a vitalidade da Igreja**

Os Sacramentos e os Ministérios ordenados têm em si a razão da eficácia da graça salvadora de Cristo. Mas a graça do Ministério pastoral será reforçada – tanto na proclamação da Palavra como na dispensação dos Sacramentos – se for unida, como normalmente

deverá ser, à intervenção de ordem carismática do Espírito Santo. Como diz H. Mühlen, os Carismas são expressão de uma graça particular do Espírito Santo, passageira e fluída, que ajudam a criar nos crentes uma melhor disposição para a recepção do dom de Deus. Quer dizer, os Carismas, essa graça mais abundante, tornam mais fecunda a acção ministerial e sacramental, pela qual Deus nos torna participantes da Sua mesma Vida divina.

Na prática, a actuação dos ministérios vai acompanhada dos Carismas, dessa unção espiritual, por parte de quem os administra e de quem colabora na celebração? Por outras palavras, que fazer para uma acção mais fecunda por parte de todos os intervenientes nas celebrações e serviços eclesiais, incluída a dispensação da Palavra?

Em teoria sabemos bem que a paróquia não é uma empresa, nem a acção da Igreja uma propaganda à maneira da política. Mas, sim, uma comunidade animada pelo Espírito de Cristo Ressuscitado, um organismo de Carismas.

Os ministérios e outros serviços devem ter como base o Carisma de cada um. Devem ser actuados no Espírito de Cristo, no serviço humilde e dedicado à comunidade e aos irmãos.

Porque muitas vezes assim não acontece – até porque as pessoas intervenientes na pastoral frequentemente se deixam levar por motivações de ordem egocentrista ou meramente natural – os resultados na nossa missão evangelizadora não corresponde ao trabalho pastoral que se realiza. O problema não está em trabalharmos muito pastoralmente. Mas em fazer que toda a nossa acção eclesial esteja baseada em Jesus Ressuscitado e sob o impulso do Espírito Santo.

Para sintonizarmos com o espírito da «nova evangelização», ordinariamente não será preciso fazermos outra coisa diferente do que já fazemos, mas dar-lhe uma alma nova, a saber, fazê-lo no Espírito de Cristo. Será isso que teremos que incutir nas pessoas que trabalham na animação litúrgica, na catequese, nos serviços de assistência e outros. Mas haverá que começar pelos próprios Pastores.

Ao longo dos séculos, nunca faltou à Igreja a assistência do Espírito Santo, de tal modo que deixasse de ser a Igreja de Cristo, apesar das suas falhas, designadamente dos seus Ministros e Pastores. Nunca faltaram «profetas», suscitados por Deus, que indicassem ao

Seu povo o caminho a seguir. Mas passou por crises e verdadeiras fases de invernia, fortemente comprometedoras para a sua vitalidade espiritual e mesmo para o seu futuro.

Já Orígenes († 254) dizia que não bastava ser *sucessor* dos Apóstolos. Seria preciso *imitá-los*, deixando-se conduzir pelo Espírito de Cristo. Dizia mesmo que havia muitos que «de bispos não tinham mais que o nome». E outro tanto afirmava dos presbíteros...

## **Abramo-nos aos Carismas pela oração**

Nós, cristãos, precisamos de «libertar» o Espírito Santo na nossa vida e nas nossas comunidades. Ele foi comunicado abundantemente por Cristo à Sua Igreja, a partir do Pentecostes. Foi-nos dado a cada um de nós a partir do nosso Baptismo e da Confirmação. Mas está impedido de agir livremente e manifestar-se com força, como nos prometeu Cristo, porque nós não nos abrimos a Ele, não reavivamos aquela fé que era apanágio dos apóstolos e de tantos cristãos na Igreja.

Precisamos, pois, de abrir-nos ao Espírito para que os Carismas aconteçam. Precisamos de pedi-los com insistência e confiança.

A oração é o clima próprio para o seu florescimento e para a renovação da Igreja. Uma oração viva, pessoal e comunitária, apoiada na graça do Espírito Santo e inspirada na escuta assídua da Palavra de Deus.

Foi em ambiente de Cenáculo – oração e união fraterna – que aconteceu o Pentecostes, a primeira e mais solene epifania do Espírito Santo. Assim como cada uma das efusões do Espírito, de que nos falam os Actos: 4, 31; 10, 44ss e 19, 6.

Só desta forma poderá hoje ser realizado o «novo Pentecostes», preconizado pelos últimos Papas, e a «nova primavera» da Igreja ou da evangelização. Se estivermos abertos aos Carismas, numa disponibilidade total àquilo que o Espírito Santo quiser fazer de nós, e se o pedirmos com humildade e confiança insistente; então Deus renovará hoje as maravilhas de outrora para renovação e difusão do Corpo total de Cristo, ao serviço do Seu Reino.

*Há diversidade de dons espirituais,  
mas o Espírito é o mesmo.*

*Há diversidade de ministérios,  
mas o Senhor é o mesmo.*

*Há diversas operações,  
mas é o mesmo Deus  
que opera tudo em todos.*

*Em cada um  
se manifestam os dons do Espírito  
para o bem comum.*

*(1 Cor 12, 4-7)*

# OS RELIGIOSOS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO:

## MISSÃO E TESTEMUNHO

AGOSTINHO LEAL

*«Os religiosos são, pela sua mesma vida, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos. E em tudo isto, portanto, têm os religiosos uma importância especial no quadro do testemunho que é primordial na evangelização».*<sup>1</sup>

Valerá a pena continuar a multiplicar os discursos e as teorias sobre a nova evangelização? Serão oportunos mais artigos e mais livros sobre o tema? Ou já chegou a hora de simplesmente dedicar-se a evangelizar?

Jamais se calará esta voz : «Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo; hoje, na cidade de David, *nasceu-vos um Salvador*, que é Cristo Senhor» (Lc 2, 10-11). Haverá sempre quem se disponibilize para cumprir a ordem de Jesus: «*Ide por todo o mundo e proclamai a Boa Nova*» (Mc 16, 15). «O evangelho vivo e pessoal, Jesus Cristo mesmo, é a notícia nova e portadora de alegria que a Igreja testemunha e anuncia em cada dia a todos os homens».<sup>2</sup>

Esta voz é bem diferente duma cana agitada pelo vento; este anúncio é bem diferente duma pincelada de verniz artificial ou pintura

---

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II, Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 69

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, Exort. Apost. *Christifideles Laici*, 7

decorativa. A voz quer-se límpida, jubilosa e afinada e o labor da evangelização quer-se em profundidade, a partir da vida e das raízes em que mergulha a cultura do homem.<sup>3</sup>

O tema da evangelização - ou nova evangelização - é , sem dúvida, aquele que predomina as preocupações pastorais e que tem ocupado o centro das reflexões das forças vivas da Igreja. Os religiosos têm que se dedicar à evangelização como uma exigência e condição de fidelidade ao Senhor: «ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor. 9, 16).

Devemos recordar que os religiosos, como afirmava Paulo VI, «têm na sua vida consagrada *um meio privilegiado* de evangelização eficaz... . Eles *encarnam a Igreja* desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças». O testemunho da vida religiosa pode ser «ao mesmo tempo que *uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja*, uma pregação eloquente, capaz de tocar o coração mesmo dos não--cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores».<sup>4</sup>

O Evangelho em si mesmo é «força de Deus» (Rom 1, 16); por isso, o seu anúncio não pode ficar só em palavras ou na discussão dos métodos, formas ou expressões. Temos de nos situar na tarefa da evangelização a partir da «força da Ressurreição de Jesus» e não do desacertado processo da «ressurreição de múmias» antropológicas e culturais, hoje muito em voga. «A evangelização há-de conter sempre uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus».<sup>5</sup> Temos de evangelizar, contemplando e experimentando o amor imenso de Deus mas sem condenações ou anátemas, pois o caminho da Igreja é o homem e «a caridade é fonte e critério da missão».<sup>6</sup>

A *missão peculiar dos religiosos* na evangelização consiste em oferecer sem ambiguidades o testemunho da fé: «acreditei, por isso falei» (2Cor 4,13). A nossa primeira e mais importante colaboração à evangelização consiste em responder todos os dias à interpelação de Cristo e dos irmãos que Paulo VI formulou deste modo: «acreditais,

---

<sup>3</sup> Cfr. *Evangelii Nuntiandi*, 18

<sup>4</sup> *Ibid.*, 69

<sup>5</sup> *Evangelii Nuntiandi*, 27

<sup>6</sup> JOÃO PAULO II, Carta Enc., *Redemptoris Missio*, 60



verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais vós verdadeiramente aquilo que viveis?».<sup>7</sup>

## Apelos à vida consagrada para a nova evangelização

«Deus abre à Igreja, os horizontes de uma humanidade mais preparada para a sementeira evangélica. Sinto chegado o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão *ad gentes*. Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos».<sup>8</sup>

Também os religiosos não podem fazer ouvidos surdos aos apelos que nos são feitos.

### 1.1. Pelo Magistério da Igreja

«Os religiosos, pela integridade da fé, a caridade para com Deus e o próximo, pelo amor à cruz e à esperança da glória futura, *difundam a Boa Nova de Cristo a todo o mundo*, a fim de que todos vejam o seu testemunho e o nosso Pai, que está nos céus, seja glorificado».<sup>9</sup>

«Os *Institutos de vida contemplativa* têm uma importância máxima na conversão das almas com as suas orações, obras de penitência e tribulações... Mais ainda, pede-se a estes institutos que *fundem casas nos países de missão*, como já o fizeram muitos, para que, vivendo ali numa forma adequada às tradições genuinamente religiosas dos povos, *dêem um preclaro testemunho* entre os não-cristãos da majestade e caridade de Deus e da união com Cristo».<sup>10</sup>

«Aos *Institutos de vida activa*, aponto os espaços imensos da caridade, do anúncio evangélico, da educação cristã, da cultura, e da solidariedade com os pobres, os discriminados, os marginalizados e os oprimidos... Este apelo foi acolhido, nos últimos tempos, por bastantes Institutos, mas *queria que fosse tido em melhor consideração e mais*

---

<sup>7</sup> *Evangelii Nuntiandi*, 76

<sup>8</sup> *Redemptoris Missio*, 3

<sup>9</sup> CONC. ECUM. VAT.II, Const. Dogm. *Perfectae Caritatis*, 25

<sup>10</sup> CONC. ECUM. VAT.II, Dec. Act. Mis. da Igreja *Ad Gentes*, 40

*adecuadamente actuado* por um autêntico serviço. A Igreja deve dar a conhecer os grandes valores evangélicos de que é portadora; ora ninguém os testemunha mais eficazmente, do que aquele que faz profissão de vida consagrada na castidade, pobreza e obediência, numa total doação a Deus e plena disponibilidade para servir o homem e a sociedade, segundo o exemplo de Cristo». <sup>11</sup>

«Graças à sua consagração religiosa, os religiosos são por excelência *voluntários e livres* para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até às extremidades da terra. Eles são *empreendedores*, e o seu apostolado é muitas vezes marcado pela originalidade e por uma feição própria, que lhes granjeiam forçosamente admiração. Eles são *generosos*: encontram--se com frequência nos postos de vanguarda da missão e a arrostar com os maiores perigos para a sua saúde e para a sua própria vida. Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito!». <sup>12</sup>

## 1.2. Pelas orientações e determinações capitulares

A grande maioria dos Capítulos Gerais e Provinciais, realizados ou a realizar nesta época, incluem orientações sobre a nova evangelização como vivência do Carisma. A modo de exemplo, transcrevo alguns apelos feitos pelo Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços, realizado no mês de Abril de 1991 em Ariccia.

«O Carmelo sente-se Igreja e quer viver sob a marca da nova Evangelização, no fim deste segundo milénio. Fazemos nossas as palavras de Santa Teresa: Agora começamos, e *procurem ir começando sempre* de bem a melhor». <sup>13 a</sup>

«Na soleira do ano 2000, aparece em toda a Igreja a exigência duma nova Evangelização, pois vivemos num mundo que mudou cultural e eclesialmente. Esta evangelização exige, antes de mais, um testemunho do projecto de Deus para a humanidade inteira: com uma nova dimensão na relação com Ele, como *filhos responsáveis*; na relação com os homens, como *verdadeiros irmãos*; na relação com as

<sup>11</sup> Redemptoris Missio, 69

<sup>12</sup> Evangelii Nuntiandi, 69

<sup>13 a</sup> CAPITULO GERAL OCD, *Mensajes y Comunicaciones*, Ariccia, p. 4

coisas, como *criadores dum mundo vivível*. Este testemunho tem de ir acompanhado pelo anúncio do Evangelho, num desafio às pessoas e à sociedade que se opõem à reali-zação do Reinado de Deus». <sup>13 b</sup>

«Tudo o que se disse empurra-nos para um compromisso evangelizador, vivendo o nosso carisma na Igreja, com um renovado dinamismo e uma nova pastoral da espiritualidade: evangelizarmo-nos e evangelizar, *partindo da oração* como caminho para a experiência e amizade com Deus, e *incarnando-nos na realidade do mundo* em que vivemos... *Sentimo-nos empurrados* a reevangelizarmo-nos pessoal e comunitariamente, renovando e reavivando a nossa fé, base imprescindível para fazer frente aos compromissos actuais mais urgentes». <sup>13 c</sup>

«Vamos realizar tudo isto com um sentido de *abertura e criatividade*, percorrendo caminhos desconhecidos noutros tempos, em obediência a Deus, «como Abraão, que partiu sem saber para onde ia» (Heb.11,8). *Busquemos novas fórmulas* que ponham em evidência a unidade e o pluralismo do nosso carisma e do âmbito cultural que nos rodeia». <sup>13 d</sup>

«A exemplo de Maria, sempre disponível a Deus e próxima às necessidades dos homens, queremos *acolher* a Palavra do Senhor na escritura e na vida, *acreditar* nela e *viver* as suas exigências». <sup>13 e</sup>

E a interpelação que a *Mensagem dos Superiores Gerais das Ordens Franciscanas*, em Abril de 1992, fazia:

«Dirigimos esta mensagem a todos... para que *saibam ler os sinais dos tempos* passados e presentes com um coração puro e com olhos limpos, *louvem o Senhor* pela presença do seu espírito no mundo e na história e, no espírito de contínua conversão, peçam força e luz para o caminho dum nova evangelização para o ano 2000, que, como disse o Papa, deve ser «nova no seu ardor, nos seus métodos e na sua expressão» (Discurso em Puerto Príncipe, Haití, 1983)... Sabemos gerar uma ilusão nova, *fazendo nossa a nova evangelização*, levando a todas as culturas, antigas e novas, a nossa mensagem de pobreza e humildade, simplicidade e fraternidade, em oração e devoção, comprometidos também numa contínua atitude de intercessão pela paz e justiça?». <sup>14</sup>

<sup>13 b</sup> *Ibid.*, p. 8

<sup>13 c</sup> *Ibid.*, p. 8

<sup>13 d</sup> *Ibid.*, p. 9

<sup>13 e</sup> *Ibid.*, p. 13

<sup>14</sup> REV. *Vida Religiosa*, Vol. 73, n.º 6, Madrid, 15.04.1992, pp.88-89

### 1.3. Pelas situações culturais e sócio-religiosas de hoje

«A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra... de tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa».<sup>15</sup> Novas situações exigem novas formas de evangelização. A consciência de nos encontrarmos perante uma nova etapa da história humana foi a que presidiu à convocatória e aos trabalhos do Concílio: «A Igreja, nos nossos dias, assiste a uma grave crise da humanidade, que trará consigo profundas mudanças. Está-se a gerar uma ordem nova, e a Igreja tem diante de si missões imensas, como nas épocas mais trágicas da história. *O que hoje se exige à Igreja é que infunda nas veias da actual humanidade a virtude perene, vital e divina do Evangelho*».<sup>16</sup>

O que faz nova a evangelização não é tanto ela mesma, pois Cristo é sempre o mesmo, mas as novas situações existenciais dos seus destinatários. Conhecer o contexto destas novas situações é mais importante do que proclamar as efemérides celebradas (os dois mil anos da primeira evangelização cristã; os mil anos da primeira evangelização da Polónia, os quinhentos anos da primeira evangelização da América Latina, os centenários da primeira evangelização africana...).

A nova mentalidade coloca dificuldades para a transmissão do Evangelho:

- perdidos no meio de tanta mudança debatemo-nos com o *indiferentismo*;
- o desencanto e a desilusão da modernidade semearam o *des-crédito e o cepticismo*;
- sem sonho e sem futuro já não há obrigações; *nada está proibido*;
- a ideologia economicista alimenta um *individualismo feroz* gerador de agressividade;

<sup>15</sup> CONC. ECUM. VAT.II., Const. Past.. A Igr. no mundo actual *Gaudium et Spes*, 4

<sup>16</sup> JOÃO XXIII, *Humanae Salutis*, 8

– a *sociedade técnico-burocrática* aumenta o rebanho servil e cria insolidariedade;

– a sensibilidade e a subjectividade substituem uma *razão des-tronada...*

– A autonomia das realidades terrestres e o conseqüente processo de secularização resultou na *crescente descrença* que adquiriu um carácter massivo. Já se fala da «*cultura da descrença*».

O homem que temos para evangelizar caracteriza-se, a partir da pós-modernidade, do seguinte modo:

– Prima o *fazer* sobre o *contemplar*; o *ter* sobre o *ser*; as *coisas* sobre as *pessoas*; mas depressa chega um momento em que, ao não encontrar-se consigo mesmo, apesar do poder da técnica e da acumulação de bens materiais, vê-se obrigado a *fugir* para o Oriente, à procura do silêncio e da tranquilidade que o pacifiquem interiormente.

– Prima a *técnica* sobre a *estética*; porque parte da afirmação de que tudo o que é tecnicamente possível é, por ele mesmo, eticamente valioso. Rejeita, por princípio, o absoluto e, por isso mesmo, rejeita a Deus; mas ao mesmo tempo empreende uma louca carreira à procura do sagrado ainda que frequentemente o confunda com o mágico e o supersticioso. «... É-se *crente mas à lista*, conserva-se este dogma e elimina-se aquele, misturam-se os Evangelhos com o Corão, o zen ou o budismo; a espiritualidade entrou na era caleidoscópica do supermercado e do self-service. O *turn over*, a desestabilização investiu o sagrado ao mesmo título que o trabalho ou a moda: durante algum tempo cristão, alguns meses budista, alguns anos discípulo de Krishna ou de Maharaj Ji».<sup>17</sup>

– Afoga-se no fragmentário e aborrece o totalizante; é um homem de pertenças frágeis. Daí à crise de valores, à crise de pertenças cristãs e à crise de ideologias clássicas, existe só um passo mínimo. E, então, a nível prático, cai no culto ao deus do secularismo, cuja escala de valores coloca mais além do bem estar e do mal; e daí à moral do permissivismo o passo também é muito pequeno.

---

<sup>17</sup> LIPOVESTKY, GILLES. *La era del vazio*. Ensayo sobre el individualismo contemporaneo, Ed. Anagrama, Barcelona, 1988, p. 110.

– Vive *um pensamento sem fundamentação*. As grandes finalidades apagam-se e já nada se escreve com maiúscula. Numa linha ascendente espectacular aumenta o gosto pelo esotérico e ciências ocultas. *Os bruxos estão de volta* e Satã já tem adoradores. Mas Deus também está de volta, porque, como dizia Pascal, «o coração tem razões que a razão não conhece». <sup>18</sup> Contudo, parece que Deus não pode ser muito exigente; terá de contentar-se com *uma religião «light»*. Quer dizer existe uma eleição de Deus sem renunciar ao resto. É uma religião sem a radicalidade evangélica. Daí o refúgio numa religião intimista e sem grandes compromissos de ordem social. *O fenómeno das seitas* são também um desafio à Igreja oficial para que renove alguns dos seus métodos pastorais e torne, na verdade, mais eficaz e visível a Boa Nova de Jesus Cristo.

Estas situações, e muitas mais que poderíamos assinalar, deixam *apelos* que, feitos a toda a Igreja, podemos aqui dirigir-los aos religiosos:

– Os caminhos do diálogo deverão substituir os anátemas e os métodos proselitistas.

Na América Latina adquire cada vez mais relevo a cultura indígena que durante séculos esteve submetida e marginalizada pelas estruturas coloniais. Sirva de explicação a carta que Ramiro Reynaga (do Movimento Índio Tupac katari), Emmo Valeriano (do Partido Índio) e Máximo Flores (do Movimento Índio de Kollasuyo) entregaram ao Papa João Paulo II, em 1985, aquando da sua visita ao Perú: «Nós, índios dos Andes e da América, decidimos aproveitar a visita de João Paulo II, para devolver-lhe a Bíblia, porque em cinco séculos ela não nos deu amor, nem paz, nem justiça. Por favor, tome de novo a sua Bíblia e devolva-a aos nossos opressores, porque eles necessitam dos seus preceitos morais, mais do que nós. Porque, desde a chegada de Cristóvão Colombo, impôs--se à América, pela força, uma cultura, uma língua, uma religião e valores próprios da Europa». <sup>19</sup>

– Parece que o Evangelho está ausente das estruturas sociais. Medellín falou acertadamente do «pecado estrutural» referindo-se ao continente latino-americano. Mas tanto no primeiro como no quarto

<sup>18</sup> PASCAL, BLAISE. Obras Comp., *Pensamientos*, Ed. Alfaguara, Madrid, 1981, p. 463

<sup>19</sup> *Bíblica*, 222 (1992) p. 45

mundo as «sementes do Verbo» ficam abafadas pelas sementes da pobreza, violência e marginalização que vai desde a injustiça, desrespeito dos direitos humanos até aos movimentos neo-racistas e aos novos nacionalismos. As situações de opressão, pobreza, fome e morte contradizem a fraternidade e as exigências do Reino de Deus. O «clamor dos pobres», desde o Antigo Testamento até hoje, grita por um Deus libertador e salvador.

– O sector com maioria na Igreja é o chamado «povo fiel». É nele que a religiosidade popular se evidencia mais como um fenómeno social e eclesial típico. Está constituído por grandes valores mas também por falsificações da fé. É o sector qualificado como o mais ignorante, embora seja mais vítima do que culpado. Por isso o povo merece uma nova evangelização a partir mais da compreensão e misericórdia do que de juízos morais. A religiosidade popular está pouco evangelizada: «é um sector sacramentalizado e não evangelizado, baptizado mas não cristianizado». Hoje, como sempre, requiere-se o desafio permanente de fazer passar o Evangelho pela escola do conhecimento e acção, mensagem e práxis, fé e vida.

A nova evangelização terá de devolver ao povo o sentido libertador de Jesus Cristo. Uma deficiente evangelização no passado criou na consciência popular uma espécie de opressão moral. Acusam-na de opressora, legalista, cheia de preceitos negativos e proibições. Não se desenvolveu a moral do dom, da justiça e da comunidade, da vida ofertada e da caridade.

Diante destes desafios sócio-religiosos, e alguns outros que poderíamos esmiuçar, talvez se levante a pergunta: e que fazer? Embora não existam respostas feitas, creio que um religioso teria de incluir sempre esta: «Ao evangelizar, faço-o gratuitamente, sem fazer valer os direitos que a evangelização me concede. Sendo completamente livre, fiz-me servo de todos para ganhar a todos. Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus. Comporto-me como os que estão debaixo da Lei, como se estivesse submetido a ela, a fim de os ganhar. Com os que estão fora da Lei, comporto-me como se estivesse fora da Lei, para os ganhar, se bem que não esteja fora da Lei de Deus, mas sob a Lei de Cristo. Com os fracos fiz-me fraco, para os ganhar. *Fiz-me tudo, para todos, para salvar alguns a todo o custo.* E faço tudo por causa do Evangelho, para participar dele» (1 Cor 9, 18-23).

## O lugar dos Religiosos na nova evangelização

O protagonismo da nova evangelização diz respeito a todo o povo de Deus. Se a primeira evangelização recaiu sobre os sacerdotes e sobretudo os monges e religiosos, na segunda a responsabilidade é de todos. Os religiosos não somos uns super-cristãos nem recebemos o encargo de «dirigentes» da nova evangelização. Por isso, os documentos do Magistério e os Lineamenta para o próximo Sínodo dos Bispos sobre «*a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no Mundo*» chamam constantemente a atenção para as relações de comunhão dos Religiosos com o Papa e os Bispos, com a Igreja local, com os leigos. Mas, neste Corpo de Cristo que é a Igreja, os religiosos, pelo forma específica do seguimento de Cristo e pela condição carismática que nos identifica, *temos um estilo próprio na missão evangelizadora: ser «servos dos servos de Deus»*. Daí que, na vocação e missão evangelizadora da Igreja, tenhamos também um lugar próprio e umas funções específicas.

### 2.1. Situar-se na comunhão da Igreja

«A eclesiologia de comunhão é a ideia central e fundamental dos documentos do Concílio».<sup>20</sup> De certo modo a celebração do próximo Sínodo dos Bispos é para «pôr em relevo a presença e a missão da vida consagrada dentro da comunhão orgânica da Igreja».<sup>21</sup>

Avançando no processo da missão que nos faz, depois do seguimento de Cristo, adentramo-nos na Igreja. A Igreja em nome e por ordem de quem realizamos a missão. Comunhão eclesial que obriga a um grande esforço, ou melhor, em tomar consciência dele e torná-la visível: «A todos os religiosos... incumbe-lhes o dever de trabalhar fervorosa e diligentemente na edificação e incremento de todo o Corpo místico de Cristo e pelo bem das igrejas particulares».<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> *Christifidelis Laici*, 19

<sup>21</sup> A vida consagrada e a sua missão na Igreja, *Lineamenta*, 34

<sup>22</sup> CONC. ECUM.VAT II., Decreto *Christus Dominus*, 33



É evidente que a vida religiosa desenvolve a sua missão a favor de toda a Igreja, em obediência ao Papa e aos Bispos, dentro e em comunhão com os «organismos de coordenação», contribuindo na edificação das igrejas locais e numa intensa comunhão com os fiéis leigos.<sup>23</sup> Mas também é preciso que o Papa, os Bispos, os Sacerdotes e os Leigos conheçam, promovam e se insiram a seu modo na espiritualidade própria de cada uma das grandes famílias religiosas:

– «Os Institutos que se dedicam exclusivamente à contemplação, de tal modo que os seus membros se ocupem só de Deus, no silêncio e na solidão, em oração contínua e alegre penitência, conservam sempre a parte mais excelente dentro do Corpo Místico de Cristo».<sup>24</sup>

– «Conserve-se fielmente e brilhe cada vez mais no seu genuíno espírito... a venerável instituição da vida monástica, que tantos méritos alcançou no decorrer dos séculos na Igreja e na sociedade humana. O principal dever dos monjes é servir dum modo ao mesmo tempo humilde e nobre, a divina majestade dentro das paredes do seu mosteiro, quer se entreguem totalmente ao culto divino na vida contemplativa, quer tenham assumido legítimamente algumas obras de apostolado ou caridade cristã».<sup>25</sup>

– As Ordens mendicantes, compaginando a contemplação e a acção, conservem os seus traços específicos: a imitação de Cristo, a pobreza vivida intensamente, a pregação e assistência em todos os campos da Igreja, e um especial sentido de comunidade em fraternidade.

– Os clérigos regulares para quem a acção apostólica é fonte de santidade e perfeição, e se definem como contemplativos na acção, conservem os traços mais conhecidos: o apostolado, sendo dinâmicos, austeros, cultos e santos.

– As Congregações Apostólicas, de votos simples, que surgiram nos últimos séculos sobretudo depois da Revolução Francesa, motivadas pelos grandes problemas da marginalização e pobreza numa sociedade industrializada.

---

<sup>23</sup> Cfr. *Lineamenta*, 34-50

<sup>24</sup> *Perfectae Caritatis*, 7

<sup>25</sup> *Ibid.*, 9

— Os Institutos seculares, que «embora não sendo Institutos religiosos são reconhecidos pela Igreja»,<sup>26</sup> caracterizam-se por uma inserção no mundo, na santificação do trabalho, unindo o apostolado da palavra e da acção nas diferentes actividades seculares e profissionais.

São muitos os «recados» à obediência que a Hierarquia tem feito à vida consagrada neste sentido (cfr. *Código de Direito Canónico*, *Pastor Bonus*; *Christus Dominus*, *Mutuae Relationes*, *Pastores Dabo Vobis*, *Lumen Gentium*, *Perfectae Caritatis*, etc.). Os *Lineamenta* para o próximo Sínodo apresentam, na terceira parte sobre a «missão da vida consagrada», 13 páginas para desenvolver este tema. Destas, 8 páginas são insistentes recomendações aos religiosos para a comunhão com a Igreja.

Tem razão o Sr. Bispo D. Fernando Sebastián Aguilar quando recentemente escreveu: «É ainda muito forte a tendência de não poucas instituições e comunidades religiosas para viver fechadas sobre si mesmas, quase como se fossem sociedades perfeitas de espiritualidade e salvação... O isolamento, o olhar só para o interior do próprio Instituto, atender só às orientações dos Superiores próprios ou dos Capítulos provinciais, como se os critérios ou recomendações dos Bispos não tivessem nada a ver com eles, ou eles (mais do que elas) não tivessem nada a ver com os Bispos, é uma situação ainda muito frequente. Aos religiosos e religiosas está a custar-lhes a adaptar-se vitalmente à eclesiologia do Vaticano II, particularmente à Igreja local e ao modo de compreender as relações entre a Igreja universal e a Igreja local».<sup>27</sup> Será que temos sido tão desobedientes ou excomungados? Será que temos tido uma vocação de seita? Estou em crer que os Leigos não escreveriam assim sobre os Religiosos.

Também eu poderia fazer certas afirmações da Hierarquia a respeito da relação com os Religiosos, sobretudo com eles mais do que com elas. Mas não as faço, pois facilmente se adivinham. Apenas quero afirmar que comunhão é muito mais do que servilismo ou obediência «tapa-buracos». Nós, religiosos, bem sabemos que fomos baptizados pela Igreja e na Igreja e que nela somos muito mais do que um apêndice.

---

<sup>26</sup> *Perfectae Caritatis*, 11

<sup>27</sup> AGUILAR, FERNANDO S., *Nueva Evangelización*, Ed. Encuentro, Madrid, 1991, p. 186

Quando fui, há poucos anos, conventual em Aveiro, o Sr. D. António Marcelino, a quem muito estimo e admiro e com quem, humildemente penso, colaborei exemplarmente, disse-me: «Se os religiosos que estão na minha Diocese não se identificarem com uma presença carismática, preferia não os ter cá». Eu concordo plenamente com ele; mas também poderia dizer (não a ele): se um Bispo não fôr «guardião também da fidelidade à vocação religiosa conforme o espírito de cada Instituto..., defensor das comunidades religiosas, educador de vocações, válido tutor da índole carismática de cada família religiosa, tanto no campo espiritual como apostólico»,<sup>28</sup> preferia não o ter como Bispo.

Creio ser construtivo afirmar aqui a necessidade do conhecimento mútuo e respeito que se deve a todos quantos nos sentimos constituir responsabilmente o tecido da Igreja de Cristo. Acabemos com as desconfianças e «guerras» que, apesar de «santas», danificam a Igreja e a humanidade inteira. Deixemos de ser «religiosos piratas» em relação à hierarquia e esta esforce-se por reconhecer efectivamente que «o estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está contudo inabalavelmente ligado à sua vida e santidade».<sup>29</sup>

Permiti que leia a todos estes textos tão a propósito:

– «Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em Mim para que todos sejam um só; como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste. Dei-lhes a glória que Tu me deste, para que sejam um como Nós somos Um. Eu neles e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim» (Jo 17, 20-23).

– «Há, pois, diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para proveito de todos» (1Cor 12).

---

<sup>28</sup> *Mutuae Relationes*, 23

<sup>29</sup> *Lumen Gentium*, 44

— «É, pois, evidente que a actividade missionária dimana íntimamente da própria natureza da Igreja, cuja fé salvífica propaga, cuja unidade católica dilatando aperfeiçoa, em cuja apostolicidade se apoia, cujo afecto colegial de sua hierarquia exercita, cuja santidade testemunha, difunde e promove... Mas se ainda não podem, de completo acordo, dar testemunho duma só fé, é preciso que, ao menos, estejam animados de mútua estima e caridade».<sup>30</sup>

## 2.2. Assumir a função de símbolo e sinal

O capítulo VI da *Lumen Gentium*, sobre os religiosos, no número 44 apresenta um projecto da vida religiosa como sinal para a Igreja e para o mundo. Vejamos os pontos essenciais deste projecto:

A profissão dos conselhos evangélicos aparece como um sinal que pode e deve atrair a todos os membros da Igreja a viver em plenitude a sua vocação e missão.

A vida religiosa, ao mesmo tempo que põe em relevo a transcendência do Reino de Deus sobre todas as realidades terrenas e suas exigências supremas, é sinal desse mesmo Reino porque manifesta ao Povo de Deus peregrino os bens escatológicos, já presentes neste mundo:

— é sinal de Jesus Cristo e do seu amor à Igreja porque representa na mesma Igreja para sempre o «estilo de Jesus viver» e através dos votos, como expressão de entrega total a Deus, representa a união indissolúvel de Cristo com a sua Esposa, a Igreja;

— é sinal da vida nova, pois atesta a vida nova e eterna que Cristo nos adquiriu com a sua redenção e pré-anuncia a ressurreição futura e a glória do Reino;

— a vida religiosa é sinal do poder libertador de Cristo e do Espírito, pois demonstra a todos os homens a eminente grandeza do poder de Cristo Rei e a potência infinita do Espírito Santo, que actua admiravelmente na Igreja;

<sup>30</sup> *Ad Gentes*, 6

– através dos religiosos a Igreja há-de mostrar com autenticidade e em cada dia melhor Cristo, tanto aos crentes como aos não crentes, quer contemplando no monte, quer anunciando o Reino de Deus.<sup>31</sup>

O Decreto «*Perfectae Caritatis*», tal como a *Lumen Gentium*, reafirma que «a vida religiosa brilha como sinal luminoso do reino dos céus» e que, através dos seus dons carismáticos, a Igreja «aparece como esposa adornada para o seu Esposo».<sup>32</sup> A dimensão significativa da vida religiosa é apresentada nestes diferentes aspectos:

– «a castidade consagrada, que liberta o coração do homem para o amor universal, é um «sinal peculiar dos bens celestes... e, assim, os consagrados dão testemunho diante de todos os cristãos daquele admirável consórcio estabelecido por Deus e que se há-de manifestar plenamente na vida futura, pelo qual a Igreja tem a Cristo por seu único Esposo»;<sup>33</sup> já a *Lumen Gentium*, ao falar da vocação universal à santidade na Igreja, diz que «a continência perfeita pelo Reino dos céus foi considerada pela Igreja como sinal e estímulo da caridade e como fonte de fecundidade no mundo»;<sup>34</sup>

– a pobreza voluntária para seguir Jesus é considerada como «um sinal hoje muito apreciado», por isso os religiosos não-de esforçar-se «por dar um testemunho colectivo de pobreza... e, embora tenham direito a possuir o que é necessário à vida temporal e às próprias obras, evitem toda a aparência de luxo, de lucro exagerado e de acumulação de bens»;<sup>35</sup>

– «a unidade dos irmãos manifesta o advento de Cristo e dela dimana uma grande virtude apostólica»;<sup>36</sup>

– «o hábito religioso, como sinal de consagração, seja simples e modesto, pobre e condigno»;<sup>37</sup>

– «lembrem-se, porém, os religiosos que o exemplo da própria vida é a melhor recomendação do seu Instituto e um convite a abraçar a vida religiosa».<sup>38</sup>

<sup>31</sup> *Lumen Gentium*, 46

<sup>32</sup> *Perfectae Caritatis*, 1

<sup>33</sup> *Ibid.*, 12

<sup>34</sup> *Lumen Gentium*, 42

<sup>35</sup> *Perfectae Caritatis*, 13

<sup>36</sup> *Ibid.*, 15

<sup>37</sup> *Ibid.*, 17

<sup>38</sup> *Ibid.*, 24

Paulo VI, na *Evangelica Testificatio*, também explicitou esta dimensão de sinal. A vida religiosa manifesta claramente aos olhos dos homens a supremacia do amor de Deus. «Subtraído este sinal patente à vista, correr-se-ia o risco de que se arrefecesse a caridade que anima a Igreja inteira, de que se perdesse a força de fazer penetrar a maravilhosa e paradoxal mensagem salvífica do Evangelho, de que o sal da fé se dissipasse num mundo que hoje caminha para a secularização... A Igreja não pode prescindir destes testemunhos excepcionais da transcendência do amor de Cristo, o mundo não poderia deixar, sem prejuízo próprio, de apagar estas luzes, que anunciam o Reino de Deus com uma liberdade que não conhece obstáculos e que é vivida quotidianamente por milhares dos seus filhos e filhas». <sup>39</sup> Os religiosos pela sua doação são «como um sinal vivo». E não-de procurar fazê-lo realidade: «Este mundo, hoje mais do que nunca, tem necessidade de ver em vós homens e mulheres que acreditaram na Palavra do Senhor, na sua Ressurreição e na vida eterna até ao ponto de empenhar a sua vida terrena para dar testemunho da realidade deste amor que se oferece a todos os homens..., ser testemunhos vivos dum amor sem limites, de Jesus Cristo. Esta graça não é para o homem de hoje como um sopro que vivifica desde o infinito, como uma libertação de si mesmo na perspectiva de um gozo eterno e absoluto?». <sup>40</sup>

Referindo-se à castidade consagrada, Paulo VI afirma que «ela manifesta o amor preferencial para com o Senhor e simboliza, da forma mais eminente e absoluta, o mistério da união do Corpo místico à sua Cabeça, da Esposa ao seu eterno Esposo». <sup>41</sup> Na relação com a pobreza, Paulo VI pergunta aos religiosos: «Numa civilização e num mundo cujo emblema é um prodigioso movimento de crescimento material quase indefinido, que testemunho ofereceria um religioso se se deixasse arrastar por uma procura desenfreada das comodidades próprias e sentisse como normal, sem discernimento nem discreção, aceitar tudo o que lhe é proposto?». <sup>42</sup> «A pobreza, vivida efectivamente na partilha dos bens comuns, será um reclame vivo para todos os ricos e aportará um alívio aos irmãos necessitados». <sup>43</sup> O valor do testemunho da pobreza advém-lhe

<sup>39</sup> PAULO VI, Exort. Apost. *Evangelica Testificatio*, 3

<sup>40</sup> *Ibid.*, 53

<sup>41</sup> *Ibid.*, 13

<sup>42</sup> *Ibid.*, 19

<sup>43</sup> *Ibid.*, 21

«duma generosa resposta à exigência evangélica e não apenas duma preocupação por aparecer como pobres».<sup>44</sup> Mais adiante continua o Papa a interpelar os religiosos: «Não vos toca, a vós, dar exemplo de uma austeridade jubilosa e equilibrada, aceitando as dificuldades inerentes ao trabalho e às relações sociais e suportando pacientemente as provações da vida com a sua angustiosa incerteza, como renúncias indispensáveis para a plenitude da vida cristã?».<sup>45</sup> E pede-lhes: «Que a vossa vida, seguindo o exemplo de Maria, consiga dar testemunho daquele amor maternal com o qual devem estar animados todos aqueles que, associados à missão apostólica da Igreja, cooperam para a regeneração dos homens».<sup>46</sup>

## Missão e testemunho

«No quadro da missão da Igreja, a vida consagrada põe aos serviço do Evangelho toda a graça dos seus dons, do testemunho evangélico e do apostolado próprio».<sup>47</sup> A missão é uma consequência da eclesiologia de missão. A Igreja é sacramento de Deus. Ela não nasceu de um conjunto de circunstâncias favoráveis, mas do Mistério Pascal. Quando Cristo nos chama, nos vincula à missão da Igreja e nos envia é para conseguir que o Povo de Deus viva melhor o mistério de Cristo. A Igreja é «fermento e alma da sociedade humana».<sup>48</sup> «Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos».<sup>49</sup> Nós os religiosos, como toda a Igreja, temos de fazer um duplo esforço: a nível teórico compreender a originalidade da nossa missão; a nível prático caminhar sempre para uma presença mais clara do Evangelho e da sua mensagem.

### 3.1. Noção de missão

Podemos afirmar que existe uma missão que fazemos: formar, trabalhar, adequar, inserir-se e executar. É uma missão que visa os

---

<sup>44</sup> *Ibid.*, 22

<sup>45</sup> *Ibid.*, 30

<sup>46</sup> *Ibid.*, 56

<sup>47</sup> *Lineamenta*, 35

<sup>48</sup> *Lumen Gentium*, 40

<sup>49</sup> *Redemptoris Missio*, 3

destinatários da evangelização. Contudo ela é incompleta, pois existe também uma missão que nos faz a nós próprios. É a missão que evangeliza o sujeito da evangelização. Temos também de receber, acolher e ser pacientes-receptivos Àquele que nos envia. A nossa missão é obra de Deus. Depois da Ressurreição e da Ascensão de Jesus, os apóstolos vivem uma profunda experiência que os transforma: o Pentecostes. A vinda do Espírito Santo converte-os em testemunhas e profetas.

A missão é uma exigência dinâmica do próprio carácter profético da vida consagrada: «a missão não se fundamenta nas capacidades humanas, mas no poder do Ressuscitado». <sup>50</sup> É a partir da experiência de comunhão que existe entre o Pai e o Filho, e da unidade que existe entre os discípulos que o mundo pode acreditar no nome do Filho de Deus e O conhecer (Jo 17, 21). Só assim se entende o significado e sentido missionária da vida religiosa: «somos missionários sobretudo por aquilo que se é, como Igreja que vive profundamente a unidade do amor, e não tanto por aquilo que se diz ou faz». <sup>51</sup>

A missão é uma vocação activa de Deus em nós para vivermos com seu Filho Jesus e sermos enviados (cfr. Mc 3, 13-16). A missão é uma atitude de nos conformarmos com os planos de Deus e de nos configurar-mos com Jesus Cristo.

### 3.2. Missão dos religiosos na Igreja e no mundo

Não podemos ficar toda a vida a pôr a questão se o mais importante é «*o ser*» ou «*o fazer*». Este é um dilema um tanto ou quanto enganador, pois na vida religiosa o mais importante é «*o significar*». Claro que não existe vida religiosa «significativa» sem o ser e sem o fazer. No entanto, a «eficácia» é uma categoria diferente da de «sinal». Aquela acaba por apresentar a vida religiosa apenas como «instrumento», como se a vida religiosa tivesse a obrigação de aguentar todo o trabalho que outros não realizam.

Por vezes os Provinciais e Superiores caem na tentação de programar apenas novas actividades e esquecem-se da promoção de uma vida religiosa que seja autenticamente «sinal» e execute acções «signi-

---

<sup>50</sup> *Ibid.*, 23

<sup>51</sup> *Redemptoris Missio*, 23



ficativas». É possível que existam muitos religiosos que, cansados por trabalharem muito, vivam desiludidos e angustiados por não «significarem» quase nada. A nova evangelização exige uma presença profética, mas precisamente na linha da significação. Para a evangelização do ano 2000 o contributo da vida religiosa talvez tenha de ser prioritariamente este: recuperar e re-criar a sua condição de sinal, de símbolo, de representação da utopia do Reino de Deus ao vivo.

A categoria de «sinal» na vida religiosa deve ser entendida a partir dos Evangelhos, pois eles são a grande narração do Reino de Deus, a fim de não resultar apenas uma ideia genérica e estática. Jesus, com as suas palavras, o seu estilo de vida, as suas relações de um amor próximo e transformador transformou-se na grande parábola e milagre do Reino de Deus. A vida religiosa deverá continuar a ser como que as parábolas e os milagres que visibilizam e «significam» este Reino inaugurado por Jesus.

A Igreja é, sem dúvida, a Parábola do Reino acontecida nas pequenas parábolas. Uma delas, a mais persistente e configurada ao longo da história é a vida religiosa nas suas diferentes explicações carismáticas. Cada um de nós, cada comunidade, cada instituição é um elemento integrante da parábola, desse sinal global e dinâmico.

Jesus, «a Quem foi dado todo o poder nos céus e na terra», manifestou-o através duma missão de serviço, libertação e encarnação na fraqueza e na diaconia do amor. O poder de Jesus é aquele que surgiu da cruz, do aniquilamento e esquecimento de si mesmo. A missão não é apenas acção; é, sobretudo, paixão, martírio, doxologia. É acção que testemunha e actividade que simboliza. À Igreja corresponde-lhe ser unicamente um sinal humilde da presença do Reino de Jesus Ressuscitado e das suas exigências. Ela não é o Reino de Deus nem lhe pertence o protagonismo na instauração do Reino, pois a missão está sempre sob o primado da Graça. «Nenhum discípulo é maior que o seu Mestre» (Lc 6, 40). Fará bem a vida religiosa intensificar, como pequena parábola da Igreja no mundo, a sua dimensão de serviço e subordinação.

Tal como as parábolas, a vida religiosa terá de ser um sinal simples, acessível e que fale do como se pode viver o Reino nas condições normais da vida. A vida religiosa não existe para ser admirada como «estrutura de perfeitos» mas também não pode prescindir daqueles elementos que lhe são específicos e que poderíamos apelidar «de exagero»: a hospitalidade, a solidariedade com os mais pobres, a pérola escondida da oração.

A vida religiosa é um dos carismas com os quais o espírito enriquece a Igreja. É um carisma profético que tem uma missão muito concreta no Povo de Deus: ser memória evangélica de Jesus.

A *Lumen Gentium* recorda que o Povo de Deus é em si mesmo constituído por diversos elementos. No Povo de Deus o «estado religioso, tendendo à santidade pelo caminho mais árduo, estimula os irmãos com o seu exemplo».<sup>52</sup> E convém recordar uma vez mais: o testemunho de vida não é quantitativo mas qualitativo. Esta qualidade de vida requer que aceitemos os desafios da missão: passar do centro para a periferia, exercer a profecia, crescer no convencimento da realidade, caminhar progressivamente para a inculturação, evangelizar a partir da solidariedade, ser críticos perante as ideologias, integrar a fé com a vida e suscitar esperança. A vocação da vida religiosa é de «exagero» e de «provação» para a Igreja e para a sociedade. «Os religiosos, com a sua vida, são sinal da disponibilidade total para com Deus, para com a Igreja, para com os irmãos... Este testemunho silencioso... pode converter-se numa provocação para o mundo e para a própria Igreja».<sup>53</sup> «O mundo tem necessidade da autêntica contradição da consagração religiosa como de uma permanente renovação salvífica».<sup>54</sup>

A vida religiosa é também um acontecimento comunitário que transcende os tempos e os lugares e, como tal, corresponde-lhe contribuir para a criação de valores nos quais o Reino ocupe o primeiro lugar. Sendo assim compete-lhe ultrapassar as margens da racionalidade, criticar o «status quo» numa igreja acomodada, suscitar perguntas, colocar alternativas e lutar contra todo o género de idolatria.

### 3.3. Compromissos dos consagrados: testemunho evangelizador

A missão vem-nos de Cristo através da força missionária da profissão religiosa e dos conselhos evangélicos. Continuamos a afirmar que deixamos tudo por Cristo. Mas, na realidade, nem nós deixamos tudo e, conseqüentemente, nem tudo nos deixou a nós. Daí a

---

<sup>52</sup> *Lumen Gentium*, 13

<sup>53</sup> *Evangelii Nuntiandi*, 69

<sup>54</sup> JOÃO PAULO II, Exort. Apost. *Redemptionis Donum*, 14

necessidade permanente de reassumirmos os compromissos evangélicos como fonte de liberdade e de evangelização. A nossa castidade terá de ser expressão e testemunho de total desprendimento interior e exterior numa permanente oferta da vida aos interesses do reino, da salvação dos homens, da entrega apostólica à Igreja. A pobreza, como bem-aventurança (Mt 5), justifica o não ter nada, o ser de todos, a abertura e simplicidade que nos aproxima particularmente dos que nada têm. A obediência, vivida como serviço, é um testemunho frente à teoria do poder e do ter à qual os homens prestam culto. Os conselhos evangélicos, nosso primeiro e principal compromisso, abrem-se ao mundo e aos irmãos. A Palavra de Deus não é a memória narrativa da salvação deixada apenas num livro; ela é, através da vida dos religiosos, a memória de uma verdade aprendida que nos faz ser autênticas testemunhas duma experiência viva e actualizada de Jesus.

Os votos, para além da sua estrutura própria, permitem e exigem levar até ao fim a radicalidade do seguimento de Jesus até regiões que não são as habituais... Poderíamos dizer que os votos permitem e exigem que o religioso esteja presente no deserto, na periferia e na fronteira. Por «deserto» entendemos que o religioso esteja ali onde, de facto, não está ninguém, como foi o caso ao longo da história, da presença dos religiosos nos hospitais, escolas ou, modernamente, em paróquias abandonadas. Por «periferia» entendemos que o religioso esteja ali onde mais há que experimentar, segundo a necessária imaginação e criatividade cristãs, onde o risco pode ser maior, onde mais necessária seja a actividade profética para sacudir a inércia em que a Igreja se vai petrificando na totalidade ou para denunciar com mais energia o pecado».<sup>55</sup>

Estes compromissos e este testemunho não são de índole individual ou apenas de carácter pessoal. A atmosfera comunitária é a que favorece a acção apostólica, porque a vida religiosa e a missão ou se realizam em comunidade ou não se realizam de forma alguma. O seguimento de Cristo é mais convincente nos «especialistas de comunhão».<sup>56</sup> A nossa vida consagrada é essencialmente comunitária. A comunhão e a missão terão de permanecer sempre ligadas às exigências do carisma que é a fonte de cada família religiosa, mas, ao

<sup>55</sup> SOBRINO, JON., *Resurrección de la verdadera Iglesia*, Ed. Sal Terrae, Santander, 1981, p. 335

<sup>56</sup> *Lumen Gentium*, 15

mesmo tempo, terão de atender às novas urgências do momento actual em que a comunhão se requer missão e a missão comunhão. A missão da comunidade vincula-se aos valores e conteúdos essenciais da mesma: um encontro profundo na experiência da fé e do trabalho que fortalece o sentido de existir da comunidade e a partilha aberta e expressiva com todo o Povo de Deus.

«A nova evangelização exige o testemunho de vida numa mais generosa comunhão com Cristo..., uma profunda renovação no anúncio e nas obras..., o empenho de viver o Evangelho que se prega... Os consagrados tanto mais serão evangelizadores, como que por irradiação e contágio da luz e do calor da verdade e da caridade de Cristo, quanto mais forem, com a sua vida, testemunhas do Evangelho que professam».<sup>57</sup>

Compromissos mais assinalados à missão da vida consagrada na sociedade de hoje:

– um peculiar testemunho do amor de Deus no mundo, dando operacionalidade ao Evangelho das bem-aventuranças e das obras de misericórdia: alfabetização, educação das crianças e jovens, presença junto dos doentes, anciãos, deficientes, marginalizados;

– atenção aos jovens através dos movimentos juvenis, da promoção vocacional e da escola católica;

– a opção preferencial pelos pobres : «Em verdade vos digo: sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequenos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40).

– presença na cultura: «... os religiosos deverão envidar esforços para oferecer respostas de sabedoria aos muitos problemas e desafios da cultura hodierna, no âmbito da filosofia e da teologia, da pesquisa científica, do estudo universitário, através do uso adequado dos meios de comunicação social, das universidades católicas e de outras instituições, confiadas aos seus cuidados»;

– servir a causa da humanidade segundo o desígnio de Deus, «preservando os valores da natureza e da consciência, defendendo e promovendo a causa da paz e da justiça, a defesa da vida, o cumprimento da lei moral gravada na consciência humana, a salvaguarda da criação».<sup>58</sup>

<sup>57</sup> *Lineamenta*, 42

<sup>58</sup> *Cfr. Lineamenta*, 44

Quanto ao *ter*: orientar o voto da pobreza para uma vida que obrigue ao trabalho, participação e celebração com todos. Solidarizar-se com o mundo e participar na comunhão e liturgia da Igreja.

Quanto ao *amor*: orientar o voto da castidade para um amplo exercício da fraternidade através duma maior disponibilidade a favor dos mais necessitados, segundo o carisma próprio, e na amizade e fraternidade comunitárias.

Quanto ao *ser*: orientar o voto de obediência para um crescimento pessoal e conformado à vontade de Deus.

É importante continuar a recuperar a originalidade e o dinamismo do carisma de cada Congregação e situar-se sempre dentro dele. As instituições e obras não devem ser um freio à força do carisma, mas a expressão do seu dinamismo. O carisma expressa-se sempre no que é simples, humilde, pouco vistoso e no que aparece insignificante e mesmo desprezível.

A importância da vida religiosa radica sempre no seu carácter profético e no testemunho. Por isso o religioso tem de ser sempre um homem:

– com uma profunda experiência de Deus e um grande sentido comunitário;

– capaz de integrar, com maturidade e equilíbrio, todos os valores e limitações da sua pessoa, para manifestar claramente a sua vocação de total doação a Deus e aos seus irmãos;

– preparado, como os profetas, para discernir os sinais dos tempos, a fim de responder melhor aos chamamentos de Deus;

– preocupado, a partir do Evangelho, pelo mundo sensível com os seus problemas e necessidades, bem como a diversidade de culturas e mentalidades;

– presente no mundo, mostrar-se diante dele como sinal através duma vida coerente e manifestando o valor da fraternidade evangélica através da sua acção e capacidade de relação humana com todos.

## Novo «ardor de santidade»

Terminei *mais um discurso sobre a nova evangelização e os religiosos*. Fiz muitas citações com o propósito de evitar interpretações ambíguas ou politizadas. Escrever «evangelização», «missão», «testemunho», na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, na Ásia ou na África, necessariamente tem de ser com tinta multicolor nos seus métodos e expressões. Foi meu propósito dizer-vos aquilo que vale para todo o mundo e para todo o homem.

Contudo é preciso nunca esquecer o que já S. Bento recomendava na sua Regra: «*Não coloquês nada antes de Cristo*». <sup>59</sup> Haverá momentos em que o único método e expressão que teremos ao alcance da mão para evangelizar é a Cruz de Cristo, amada e renovada nas nossas cruces. A nossa missão é dar testemunho da Cruz de Cristo que «Se despojou de si mesmo tomando a condição de servo, tornando-Se semelhante aos homens. Tido pelo aspecto como homem, humilhou-Se a si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz. Por isso é que Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todo o nome» (Filip 2, 6-9).

As caravelas estão de volta. Os novos areópagos estão sedentos duma Boa Nova. A aurora da «grande primavera cristã» parece que já se vislumbra. Mas não embandeiremos em arco, pois «não basta explorar com maior perspicácia as bases teológicas e bíblicas da fé, nem renovar os métodos pastorais, nem ainda organizar e coordenar melhor as forças eclesiais: *é preciso suscitar um novo ardor de santidade*». <sup>60</sup>

É preciso que os problemas internos não nos afoguem. Aceitemos a nossa própria evangelização. «Conservemos o fervor do espírito; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua para nós... um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas». <sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Regra, 4, 21

<sup>60</sup> *Redemptoris Missio*, 90

<sup>61</sup> *Evangelii Nuntiandi*, 80

**IDENTIDADE TEOLÓGICO-PASTORAL  
DO PRESBÍTERO  
NA IGREJA COMUNHÃO-MISSÃO  
À LUZ DA *PASTORES DABO VOBIS***

D. JORGE FERREIRA DA C. ORTIGA

**Introdução**

As palavras «dar-vos-ei pastores segundo o meu coração», extraídas do profeta Isaías e com as quais o Papa João Paulo II quis iniciar a exortação apostólica pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais, são um verdadeiro convite a situarmos esta reflexão em Deus Pai, como origem do chamamento sacerdotal e meta da existência ministerial. N'Ele entenderemos que só Jesus Cristo, o «Bom Pastor» (Jo 10, 11) nos poderá conceder a graça e a ousadia de ir concretizando o sacerdócio na medida e exigência do «Seu» coração. Será, também aí, que o Espírito Santo nos concederá o dom duma compreensão profunda do núcleo central de toda a exortação que sintetizaremos na seguinte passagem evangélica. «Subiu depois a um monte e chamou os que Ele quis. E foram ter com Ele. Elegeu doze para andarem com Ele e para os enviar a pregar com o poder de expulsar os demónios» (Mc 3, 13-15).

Só este «estar com Ele» apresentará o entusiasmo e os motivos para tudo gastar pelo Reino.

## Contexto da Exortação

O tema central e principal é a apresentação do itinerário da formação do presbítero desde o desabrochar da «vocação» até ao caminho educativo iniciado no Seminário e que deve permanecer como constante preocupação depois da ordenação. Para delinear este processo, o Santo Padre oferece-nos considerações sobre o sacerdócio, situando-o nas circunstâncias actuais.

Não querendo esquecer tudo quanto o magistério nos tem oferecido, particularmente o mais recente recordado pelo mesmo Papa – chamando a atenção para a *Lumen Gentium*, *Presbyterorum Ordinis*, *Optatam Totius* e os resultados das Assembleias Ordinárias dos Bispos de 1967 e 1971 – há uma preocupação de enfrentar o tema dum «ponto de vista relativamente novo e mais adaptado às presentes circunstâncias eclesiais e culturais».<sup>1</sup>

Onde está esta novidade e qual a nova atitude a caracterizar o sacerdócio?

A Exortação dedica os dois primeiros capítulos à caracterização da modernidade para, a partir daí, delinear a identidade teológica do presbítero e discernir a sua missão específica no contexto do mundo actual.

Para atingir este objectivo verificamos que o Papa pretende delinear a figura do padre para os dias de hoje a partir duma Igreja concebida como comunhão e em opção preferencial pela nova evangelização. Esta conclusão a extrair do nº 18, reproduzindo a proposta feita pelos bispos no final da Assembleia. «Hoje, de modo particular, a prioritária tarefa pastoral da nova evangelização, que diz respeito a todo o povo de Deus e postula um novo ardor, novos métodos e nova expressão para o anúncio e o testemunho do Evangelho, exige sacerdotes radical e integralmente imersos no mistério de Cristo, e capazes de realizar um novo estilo de vida pastoral, marcado por uma profunda comunhão com o Papa, os Bispos e uns com os outros, e por uma fecunda colaboração com os leigos, no

---

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo Vobis*, Editora Rei dos Livros, Secretariado Geral do Episcopado, 1992 p. 12, nº 3



respeito e na promoção dos diversos papéis, carismas e ministérios no interior da comunidade eclesial».<sup>2</sup>

## Caracterização do mundo actual

As profundas e rápidas mudanças, sociais e culturais, determinam um modo novo, na fidelidade ao projecto de Cristo, de ser sacerdote e de encarar a sua formação.

Não vamos deter-nos em muitas considerações. Alertemos para o mais importante para situarmos, convenientemente, a identidade sacerdotal.

– A missão do sacerdote é interpretada dum modo diferente. «Além disso, os sacerdotes já empenhados, há um tempo mais ou menos longo, no exercício do ministério, parece hoje sofrerem de excessiva dispersão nas sempre crescentes actividades pastorais e, perante as dificuldades da sociedade e da cultura contemporâneas, sentem-se constrangidos a modificar o seu estilo de vida e as prioridades das tarefas pastorais, enquanto cada vez mais se dão conta da necessidade de uma formação permanente».<sup>3</sup>

– A pastoral deve ser reinterpretada numa perspectiva evangelizadora. «...A Igreja sente que pode enfrentar as dificuldades e os desafios deste novo período da história e garantir já no presente, e para o futuro, sacerdotes bem formados, que sejam convictos e fervorosos ministros da «nova evangelização», servidores fiéis e fervorosos de Jesus Cristo e dos homens».<sup>4</sup>

– A problemática a enfrentar é diferente: racionalismo, subjectividade, ateísmo prático e existencial, desagregação da família, visão deturpada da sacralidade humana, fascínio da sociedade de consumo, etc.

---

<sup>2</sup> *Ibid*, pp. 53-54, nº 18

<sup>3</sup> *Ibid*, p. 13, nº 3

<sup>4</sup> *Ibid*, p. 33, nº 10

– No âmbito da Igreja, a sua compreensão como Igreja-Comunhão veio provocar uma alteração de relacionamento entre os sacerdotes, os leigos, imprimindo um tipo de pastoral marcada por uma profunda dimensão comunitária e por uma exigência de pertença com todas as consequências inerentes.

## **Dinâmica da formação**

Perante este mundo diferente, os seminários devem oferecer uma formação diferente para que os sacerdotes, em atitude de permanente discernimento, possam ser respostas para o aqui e agora. A situação actual, na sua vertente sociológica ou eclesial, lança desafios que não podem ser esquecidos.

O horizonte, perfeitamente definido e permanentemente subjacente a todas as considerações, situa-se e orienta-se para a capacidade de oferecer uma profunda evangelização das «convicções, motivações e decisões de ‘todo o ser’», na vida pessoal, ou social, do jovem motivado pela vocação ou pelo sacerdote, interpretando quotidianamente a mesma vocação. Ninguém evangeliza se não se deixa evangelizar e o testemunho é o único argumento com capacidade de convicção. Trata-se duma prioridade essencial e condicionante de todo o agir pastoral.

Por outro lado, esta formação não pode ser restritiva. Deve orientar-se para uma globalidade e integralidade que não despreza de tudo quanto é humano ou pode interessar ao homem. A Encarnação do Verbo é um reassumir duma humanidade dominada por aspirações e dramas, num panorama muito vasto e complexo. Com uma vida que pretende ser resposta, o padre é antes de mais, homem a viver para os homens.

Importa concretizar um pouco mais esta globalidade. Seria de desejar que todos possuíssem uma «sapiência de vida» onde se articulam harmoniosamente a oração, o estudo e a vida apostólica. A dicotomia entre o espiritual e material, o humano e o apostólico, torna-se um contra-testemunho. Não deve emergir uma única vertente. A vida e o ministério integram-se num sadio equilíbrio entre tudo o que os especifica. Este estilo de vida leva-nos à denúncia da ruptura entre o Evangelho e a cultura, vida

e fé, natureza e graça. Não se trata de dois planos paralelos ou justapostos. A única vida acontece matizada por esta síntese maravilhosa que faz com que a fé mergulhe nos espaços mais recônditos da vida humana.

Parece-me que esta exigência de tornar o sacerdote discípulo no sentido integral, que arrisca tudo para testemunhar uma vida possuída pelos valores evangélicos, é o fio condutor de toda a exortação apostólica. O funcionário que realiza tarefas não anuncia Cristo a um mundo apressado e distraído com propostas mais sedutoras e de mais fácil concretização.

Começamos já a discernir o sacerdote como o homem em permanente relação com Cristo que surge como o único capaz de revelar o mistério de Deus e o mistério do homem. Sem esta identidade não há compreensão da Boa Nova nem novidade a comunicar ao errante ser humano. Se deparamos com um homem perdido à procura do divino, ele só o poderá encontrar numa experiência de Igreja que deveria ser um germen e um início do Reino anunciado por Cristo e a ser actualizado na história (cf. LG 5). O Reino iniciado, e não perfeitamente realizado, é o espaço eclesial onde a vida humana vai construindo o seu sentido.

## Identidade do Presbítero

A vocação e a missão dependem duma correcta compreensão do mistério de Cristo e da Igreja. São duas relações que dominam uma vida e lhe imprimem um ritmo peculiar e original. Isto encontramos numa síntese esclarecedora que a Exortação nos oferece. «A identidade sacerdotal, como toda e qualquer identidade cristã, encontra na Santíssima Trindade a sua própria fonte que Se revela e comunica aos homens em Cristo, constituindo n'Ele e por meio do Espírito, a Igreja».<sup>5</sup>

Daqui é lógico concluir que a natureza e missão do sacerdócio ministerial só pode ser definida a partir da «múltipla e rica trama de relações que brotam da Trindade Santíssima e se prolongam na

---

<sup>5</sup> *Ibid*, p. 38, n° 12

<sup>6</sup> *Ibid*, pp. 39-40, n° 12

comunhão da Igreja como sinal e instrumento, em Cristo, da união com Deus e da unidade de todo o género humano».<sup>6</sup>

Mergulhando num contexto existencial, impõe-se sublinhar a dimensão essencialmente relacional que assume uma dupla perspectiva: «vertical» referida por Cristo e no Espírito a Deus Pai e «horizontal», sempre interpretada em Cristo, que define a sua missão e vida na Igreja. Não são relações justapostas, mas, «profundamente unidas numa espécie de mútua imanência». Uma supõe a outra e cada uma adquire o seu sentido verdadeiro se inserida na trajectória das exigências com a outra.

### 1. «Relação fundamental com Cristo Cabeça e Pastor»

Jesus não só revelou a natureza do sacerdócio da Nova Aliança, mas interpretou-a. Os sacerdotes do Antigo Testamento são meras «figuras» e «sombras», mas nunca a própria realidade. Com a entrega da vida entrou-se no período do definitivo e completo. Atingindo a dimensão definitiva, o sacerdócio de Cristo não se limita ao momentâneo daquela situação. Há uma exigência de continuidade, no tempo e no espaço, e segundo um estilo determinante. Trata-se do Bom Pastor, já anunciado e agora vivido, «que conhece as suas ovelhas uma a uma, que dá a sua vida por elas e que a todos quer reunir num só rebanho sob um único pastor (cf. Jo 10, 11-16)».<sup>7</sup>

A actualização deste novo Sacerdócio é confiada a todos os discípulos que, em Igreja, se tornam «as pedras vivas» que constroem o edifício espiritual. Do sacrifício da cruz nasce um povo sacerdotal que participa no único e eterno sacerdócio e com o qual deve «conformar-se» a sua vida.

Deste povo sacerdotal «o Espírito Santo, mediante a unção sacramental da Ordem, configura (os ministros ordenados), por um título novo e específico, a Jesus Cabeça e Pastor, confirma-os e anima-os com a sua caridade pastoral e coloca-os na Igreja na condição de servidores do anúncio do Evangelho a toda a criatura, e da plenitude de vida cristã para todos os baptizados».<sup>8</sup> Verifica-se, assim, que o característico do sacerdote está na dimensão do «serviço» ou «da caridade pastoral» de modo que,

---

<sup>7</sup> *Ibid*, pp. 41-42, n° 13

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 46, n° 15

«prolongando a presença de Cristo, único e sumo Pastor, actualizando o seu estilo de vida e tornando-se como que a sua transparência no meio do rebanho a eles confiado», este descubra a urgência de testemunhar, também ele, o amor do Eterno Pai.

Já afirmámos que esta relação com Cristo se concretiza na vivência da caridade pastoral no seio da Igreja. Não os podemos distinguir como elementos separados. Um exige o outro. O ser em Cristo significa um agir na Igreja. Nada de dicotomias. Apesar de ser longa, penso ser interessante sublinhar esta inter-relação citando palavras do Santo Padre. «A relação do sacerdote com Jesus Cristo e, n'Ele, com sua Igreja, situa-se no próprio ser do presbítero, em virtude da sua consagração/unção sacramental, e no seu agir, isto é, na sua missão ou ministério. Em particular, o 'sacerdote ministro' é servo de Cristo presente na Igreja mistério, comunhão e missão. Pelo facto de participar da 'unção' e da 'missão' de Cristo, ele pode prolongar na Igreja a oração, a palavra, o sacrifício e a acção salvífica do próprio Cristo».

a) «É, portanto, servidor da Igreja ministério, porque realiza os sinais eclesiais e sacramentais da presença de Cristo Ressuscitado.

b) É servidor da Igreja comunhão, porque – unido ao bispo e em estreita relação com o presbítero – constrói a unidade da comunidade eclesial na harmonia das diferentes vocações.

c) É, finalmente, servidor da Igreja missão, porque faz com que a comunidade se torne anunciadora e testemunha do Evangelho».<sup>9</sup>

## 2. Relação com a Igreja

Nesta constituição relacional emerge uma outra atitude: ser da Igreja e para a Igreja. «O sacerdócio, enquanto unido à Palavra de Deus e aos sinais sacramentais a cujo serviço se encontra, pertence aos elementos constitutivos da Igreja. O ministério do presbítero existe em favor da Igreja; é para a formação do exercício do sacerdócio comum de todo o povo de Deus; ordena-se não apenas para a Igreja particular, mas também para a Igreja universal».<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 49, n° 16

<sup>10</sup> *Ibid*, p. 48, n° 16

Perante esta doutrina caem por terra duas «tentações» com bastante incidência na mentalidade de alguns sacerdotes e leigos. Não é possível aceitar:

— um espírito de «clericalismo» que não reconheça a comum dignidade de filhos de Deus com uma participação no mesmo e único sacerdócio;

— uma mentalidade de «democraticismo» que sublinharia uma paridade de funções sem a necessária aceitação do sacerdócio ministerial como «elemento constitutivo da Igreja» ao lado da Palavra e dos sacramentos.

Concluindo, diremos que a Igreja é uma comunhão articulada onde, como povo sacerdotal, aparecem homens dotados dum encargo particular por um especial chamamento de Cristo. Não são os méritos a provocar a desigualdade; trata-se dum dom e duma vontade explícita do Mestre. «Para o serviço deste sacerdócio universal da nova Aliança, Deus chama a Si, no decurso da sua missão terrena, alguns discípulos (cf. Lc 10, 1-12) e, com um mandato específico e autorizado, chama e constitui os doze, para que estivessem com Ele, e para os enviar a pregar, e para que tivessem o poder de expulsar os demónios (Mc 3, 14-15)».<sup>11</sup>

### 3. Sacerdotes para a Nova Evangelização

A dimensão cristológica e eclesiológica do sacerdote tem como específica e insubstituível missão a nova evangelização que em diversos lugares é apresentada como «o empenho pastoral prioritário». Tudo está centralizado aqui e para aqui converge a solicitação dum novo entusiasmo para que ela se concretize.

A inteira comunidade eclesial, como sinal duma autêntica comunhão, é o objecto e o sujeito dum alegre e perseverante trabalho na nova evangelização.

Ninguém se pode furtar a este confronto assim como ninguém deve escapar a esta responsabilidade.

Os desafios intra e extra-eclesiais reforçam esta nova sensibilidade. Na verdade, o ritmo da incredibilidade vai-se acentuando e permeando o tecido da sociedade mesmo nos ambientes reclamados como tradicional-

---

<sup>11</sup> *Ibid*, p. 42-43, nº 14

mente cristãos. Os valores evangélicos estão ausentes dos pensamentos e das atitudes do homem moderno.

Para responder à multiplicidade dos desafios, a comunidade cristã, na sua integridade, deve deixar-se conduzir por um permanente programa pastoral de evangelização e de educação da fé. Em todas as idades e condições de vida, o crente tem necessidade vital de se nutrir adequadamente da Palavra de Deus para poder testemunhar uma comunhão mais adulta e consciente com Cristo e com todos os irmãos e aceitar a aposta dum urgente conhecimento da verdade para que esta possa permear os mais variados ambientes da sociedade. A presença da Igreja no mundo não pode ter outra finalidade. Basta colocar a Boa Nova no cerne da vida, sabendo que é este o primeiro e fundamental acto de amor e o verdadeiro serviço a efectuar ao mesmo mundo e nele ao homem.

Empenhar-se na nova evangelização é idêntico a aceitar um trabalho atento, cuidado, de re-evangelização da comunidade eclesial de modo a que aí surjam crentes e, por estes, comunidades adultas na fé.

Na linha do quanto foi dito anteriormente e sublinhando a importância dum anúncio integral a assumir como testemunho, devemos discernir a prioridade de dois objectivos fundamentais:

– Para que a nova evangelização aconteça não basta proclamar e promover os «valores evangélicos» como caminho de realização pessoal e como história da humanidade. Propor a paz, a solidariedade, a justiça, a fraternidade... é um trabalho incompleto se tudo não conduz a um encontro mais íntimo e profundo com Cristo, centro e núcleo da evangelização. No encontro com a Sua pessoa acontecem as outras realidades. A Boa Nova não é um mero humanismo ou doutrina pessoal. Evangelizar é ter a coragem de anunciar Cristo como opção fundamental a efectuar. Num mundo de tantas palavras só o encontro com a Palavra responderá a todas as interrogações.

– Simultaneamente, importa não esquecer que a finalidade fundamental da evangelização consiste em edificar a Igreja como sinal e instrumento de Cristo presente no meio dos homens.

Por vezes, as pessoas ou os grupos fecham-se num intimismo consolador de quem medita a Palavra. Acolher o dom de Deus é tensão contínua para a responsabilidade de construir Reino com a paciência dos profetas.

Esta construção de Igreja, em antecipação do Reino, passa por um duplo campo de ação. A comunidade necessita de obreiros quotidianos. Assim, o mundo, envolvendo todas as experiências humanas e sentindo a força do «sal» ou do «fermento», deve poder sentir, no concreto da vida, o testemunho transformador das realidades. Fechar-se na Igreja é contra--testemunho que pode não arrastar nem convencer. O mundo com os seus problemas é o laboratório que provoca a força e a validade da mensagem cristã.

Neste processo de auto-evangelização, como atitude básica e primária, para evangelizar no encontro com Cristo edificando a Igreja, o sacerdote tem um encargo específico e um modo de o concretizar. É atitude de todas as idades e condições «estar com o Mestre» para, dum modo original, comunicar a mensagem da Boa Nova. Numa citação da Exortação podemos discernir o que caracteriza a sua missão e qual a dinâmica que ela deve seguir. «Além disso, porque no âmbito da vida da Igreja é ele o homem da comunhão, o presbítero deve ser, no relacionamento com todas as pessoas, o homem da missão e do diálogo. Profundamente radicado na verdade e na caridade de Cristo e animado do desejo e do imperativo de anunciar a todos a salvação, ele é chamado a encetar um relacionamento de fraternidade, de serviço, de procura comum da verdade, de promoção da justiça e da paz, com todos os homens. Em primeiro lugar, com os irmãos das outras Igrejas e confissões cristãs; mas também com os fiéis das outras religiões; com os homens de boa vontade, de forma especial com os pobres e os mais débeis, com todos aqueles que anseiam, mesmo sem o saber ou exprimir, pela verdade e pela salvação de Cristo, segundo a palavra de Jesus: ‘não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes; não vim para chamar os justos, mas sim os pecadores’ (Mc 2, 17)».<sup>12</sup>

#### 4. Segredo para a Nova Evangelização

Homem de Deus e da Igreja, num empenho de permanente evangelização pessoal para evangelizar os diferentes âmbitos da vida humana, para ele dum modo particular o Santo Padre coloca a condição da santidade como identificação da sua personalidade.

---

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 53, n° 18



Todas as vocações na Igreja são uma vocação à santidade. O sacerdote é possuidor duma «específica vocação à mesma santidade». A afirmação do Concílio – «Todos os fiéis de qualquer estado ou condição são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade» – encontra particular aplicação no caso dos presbíteros: estes são chamados, não enquanto baptizados, mas também e especificamente enquanto presbíteros, ou seja, por um título novo e de um modo original, derivado do sacramento da Ordem». <sup>13</sup>

O caminho para atingir esta santidade está no quotidiano dos afazeres humanos ou sacerdotais. A vida e o ministério conjugam-se como meios de santificação que o amor congrega e dá força nutritiva. «O princípio interior, a virtude que orienta e anima a vida espiritual do presbítero, enquanto configurado a Cristo Cabeça e Pastor, é a caridade pastoral, participação da própria caridade pastoral de Cristo Jesus: dom gratuito do Espírito Santo, e ao mesmo tempo tarefa e apelo a uma resposta livre e responsável do sacerdote.

O conteúdo essencial da caridade pastoral é o dom de si, o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo. «A caridade pastoral é aquela virtude pela qual nós imitamos a Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço. Não é apenas aquilo que fazemos, mas o dom de nós mesmos que manifesta o amor de Cristo pelo seu rebanho. A caridade pastoral determina o nosso modo de pensar e de agir, o modo de nos relacionarmos com as pessoas. E não deixa de ser particularmente exigente para nós». <sup>14</sup>

Só o amor é o princípio dinâmico «capaz de unificar as múltiplas e diversas actividades do sacerdote», em particular o tríplice ministério da Palavra, Celebração e Caridade.

A santidade realiza-se no ministério e através dele. Acontece, porém, que este só é verdadeiramente eficaz e concludente quando interpretado numa permanente tensão para a mesma santidade. A santidade pode e deve crescer no ministério; este está condicionado por ela. Apesar de longa, importa fazer uma citação que ajuda a entender quanto afirmamos como lógico e natural. «Não há dúvida de que o exercício do

---

<sup>13</sup> *Ibid*, p. 58, n° 19

<sup>14</sup> *Ibid*, p. 66, n° 23

ministério sacerdotal, especialmente a celebração dos sacramentos, recebe a sua eficácia de salvação da própria acção de Cristo Jesus, tornada presente nos sacramentos. Mas por um desígnio divino, que pretende exaltar a absoluta gratuidade da salvação, fazendo do homem ao mesmo tempo ‘salvado’ e um ‘salvador’ – sempre e só com Cristo –, a eficácia do exercício do ministério é condicionada também pela maior ou menor receptividade e participação humana. Particularmente, a maior ou menor santidade do ministro influi sobre o anúncio da Palavra, a celebração dos sacramentos, e a condução da comunidade na caridade. Afirma-o claramente o Concílio: ‘A mesma santidade dos presbíteros (...) contribui muitíssimo para o desempenho eficaz do seu ministério: com efeito, se é verdade que a graça de Deus pode realizar a obra da salvação, mesmo por meio de ministros indignos, apesar de tudo Deus prefere ordinariamente manifestar as suas grandezas por meio daqueles que, mostrando-se mais dóceis aos impulsos e direcção do Espírito Santo, possam dizer com o Apóstolo, graças à sua íntima união com Cristo e à santidade de vida: ‘Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim’ (Gal 2, 20)’».<sup>15</sup>

Se só a santidade explica o ministério, esta simbiose manifesta-se no radicalismo evangélico que conduz a um seguimento de Cristo através dum estilo de vida corajoso sintetizado nos conselhos evangélicos que, nesta perspectiva, readquirem extraordinária importância para a compreensão da identidade e missão do sacerdote. «Jesus Cristo, que na cruz leva à perfeição a sua caridade pastoral por um abissal despojamento interior e exterior, é o modelo e a fonte das virtudes da obediência, castidade e pobreza que o presbítero é chamado a viver como expressão do seu amor pastoral aos irmãos. De acordo com o que Paulo escreve aos cristãos de Filipos, o sacerdote deve possuir os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, despojando-se do seu próprio eu para encontrar, na caridade obediente, casta e pobre, a estrada real da união com Deus e da unidade com os irmãos» (cf. Fil 2,5).<sup>16</sup>

Neste percurso, o sacerdote necessita dum modelo que nunca poderá marginalizar. Se a Igreja no seu devir estrutural se deixou conduzir por diversas orientações, é comum, na hodiernidade, recolher o papel de Maria como modeladora da sua essência e do seu agir. Simultaneamente, a

---

<sup>15</sup> *Ibid*, pp. 74-75, n° 25

<sup>16</sup> *Ibid*, p. 91, n° 30

pessoa de Cristo reclama a intervenção responsável de quem colaborou no projecto da Encarnação. Não admira, pois, que o Pontífice a apresente como «mãe e educadora do mesmo sacerdócio». Nasce deste princípio e deve deixar-se moldar pelo seu testemunho. É já tradicional, na doutrina do Papa, colocar as suas orientações nas pegadas de Maria. Trata-se dum «molde» que facilita e aponta o itinerário desta formação que deve sentir-se em permanente concretização. «Cada aspecto da formação sacerdotal pode ser referido a Maria como à pessoa humana que correspondeu, mais do que qualquer outra, à vocação de Deus, que se fez serva e discípula da Palavra até conceber no seu coração e na sua carne o Verbo feito homem para o dar à humanidade, que foi chamada à educação do único e eterno Sacerdote, que Se fez dócil e submisso à sua autoridade materna. Com o seu exemplo e a sua intercessão, a Virgem Santíssima continua a estar atenta ao desenvolvimento das vocações e da vida sacerdotal na Igreja.

Por isso, nós sacerdotes somos chamados a crescer numa sólida e eterna devoção à Virgem Maria, testemunhando-a pela imitação das suas virtudes e pela oração frequente»<sup>17</sup>

## **Consequências imediatas para as comunidades**

Esta particular relação com Cristo, numa experiência de «estar com Ele» dum modo permanente, a explicitar e a viabilizar na Igreja, provoca comportamentos determinantes para o agir pastoral e vivência do sacerdócio. Não pretendo esgotar o assunto. São referências sintomáticas que mereciam melhor e mais exaustivo tratamento.

— A vivência do sacerdócio está marcada por um cunho comunitário. «Ele não está apenas ‘à frente’ da Igreja, mas antes e primariamente, ‘na’ Igreja. É irmão entre os irmãos.

Agraciado, pelo baptismo, com a dignidade e a liberdade de filhos de Deus no Filho unigénito, o sacerdote é membro do mesmo e único corpo de Cristo».<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> *Ibid*, p. 242, n° 82

<sup>18</sup> *Ibid*, pp. 218-219, n° 74

— Por outro lado, a comunhão presbiteral é sugerida numa pluridireccionalidade muito concreta.

a) O Bispo é um permanente ponto de referência uma vez que a unidade com ele, «com sincera caridade e obediência» (PO 7), é exigida da participação no mesmo ministério e hoje é urgida pelas condições em que o apostolado deve ser exercido. O ser e o agir do sacerdote deveria ser como que a projecção do Bispo (LG 28), procurando realizar com prontidão e alegria as suas iniciativas embora deixando um espaço necessário para a criatividade pessoal imprescindível para a sua realização.

b) O Vaticano II, quando fala dos presbíteros, usa o plural porque pretende sublinhar a dimensão comunitária do presbiterado e as relações de comunhão que daí derivam. «Todos os presbíteros constituídos na ordem do presbiterado mediante a ordenação estão intimamente ligados entre si numa íntima fraternidade sacramental. Formam um único presbitério na diocese, a cujo serviço, sob o Bispo respectivo, estão consagrados» (PO 8).

A exortação refere, com insistência, que a comunhão entre sacerdotes está alicerçada na graça da ordenação e não em motivos exteriores. Com efeito, há uma configuração, participação no único sacerdócio e na única missão de Cristo que faz com que o presbitério seja uma comunhão de irmãos empenhados no anúncio da mesma Boa Nova da salvação. «O presbítero é um *mysterium*: de facto, é uma realidade sobrenatural porque se radica no sacramento da Ordem. Este é a sua fonte, a sua origem. É o ‘lugar’ do seu nascimento e crescimento».<sup>19</sup>

c) Participando do mesmo sacerdócio de Cristo, ele difere «essencialmente e não só de grau» do sacerdócio comum dos fiéis o que o habilita a exercitar o serviço da presidência na comunidade eclesial suscitando e «promovendo» uma valorização dos leigos de modo a que harmonize «as diversas mentalidades e carismas na unidade da caridade de modo que nenhum possa sentir-se estranho» (PO,9) quer nos problemas existenciais quer na vontade de participar na missão da Igreja. «É preciso fazer-se irmão no mesmo acto em que queremos ser seus pastores, pais e mestres. O clima de diálogo é a amizade; ou melhor, o serviço».<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> *Ibid*, p. 221, n° 74

<sup>20</sup> *Ibid*, p. 219, n° 74

«A fisionomia do presbítero é, portanto, a de uma verdadeira família, de uma fraternidade, cujos laços não são da carne nem do sangue mas os da graça sacramental da Ordem: uma graça que assume e eleva as relações humanas, psicológicas, afectivas e espirituais entre os sacerdotes; graça que se expande, penetra, se revela e concretiza nas mais variadas formas de ajuda recíproca, não só espirituais mas também materiais. A fraternidade presbiteral não exclui ninguém, mas pode e deve ter as suas preferências: são as preferências evangélicas, reservadas a quem tem maior necessidade de ajuda ou de encorajamento. Essa fraternidade ‘dedica cuidado especial pelos jovens presbíteros, dedica cordial e fraterno diálogo com os de meia idade e os de idade avançada e com os que, por razões diversas, experimentam dificuldades’». <sup>21</sup>

## Conclusão

Será possível discernir uma síntese deste tipo de sacerdote a formar no dealbar do terceiro milénio?

Três palavras, hoje usadas para identificar a Igreja, podem servir de conclusão se forem acompanhadas dum esforço de as descodificar na vida quotidiana:

– *O sacerdote é homem do mistério e do primado da graça.* Talvez não compreendido deve propor que tudo tem origem e se orienta para Deus. «O sacerdote é o homem de Deus, aquele que pertence a Deus e faz pensar em Deus... Os cristãos esperam encontrar no sacerdote, não só um homem que os acolhe, que os escuta com todo o gosto e lhes testemunha sincera simpatia, mas também e sobretudo um homem que os ajuda a ver Deus, a subir em direcção a Ele. É necessário, portanto, que o sacerdote seja formado para uma profunda intimidade com Deus». <sup>22</sup>

– *O sacerdote é homem da comunhão* a viver e a edificar, promovendo e integrando todos os dons na mesma Igreja. «Este ‘munus regendi’ é tarefa muito delicada e complexa, que inclui, para

---

<sup>21</sup> *Ibid*, p. 222, n° 74

<sup>22</sup> *Ibid*, p. 145, n° 47

além da atenção às pessoas singulares e às diferentes vocações, a capacidade de coordenar todos os dons e carismas que o Espírito suscita na comunidade, verificando-os e valorizando-os para a edificação da Igreja, sempre em união com os Bispos. Trata-se de um ministério que requer do sacerdote uma vida espiritual intensa, rica daquelas qualidades e virtudes típicas da pessoa que ‘preside’ e ‘guia’ uma comunidade, do ‘ancião’ no sentido mais nobre e rico do termo: a fidelidade, a coerência, a sapiência, o acolhimento de todos, a afável bondade, a autorizada firmeza quanto às coisas essenciais, a libertação de pontos de vista demasiado subjectivos, o desprendimento pessoal, a paciência, o gosto pela tarefa diária, a confiança no trabalho escondido da graça que se manifesta nos simples e nos pobres (cf. Tit 1, 7-8)».<sup>23</sup>

— *O sacerdote é homem da missão* a evidenciar num comportamento de anúncio e diálogo. São estas as duas grandes coordenadas do seu agir que não só não são antagónicas como se reclamam e integram recíprocamente. Vive-se para anunciar, colocando a prioridade na vida imersa em Cristo como que fascinados pela sua pessoa, gritando com a vida e através da coragem profética um encontro da Palavra com a verdadeira problemática da modernidade. O diálogo é o modo de agir o que significa não renunciar o diverso, mas colocar-se em atitude de escuta, fazer-se um com todos, percorrendo os caminhos dos homens, apercebendo-se que em qualquer lugar encontramos «sementes do Verbo» que poderão ser a origem de um encontro com a globalidade da mensagem evangélica. Anúncio e diálogo dentro das estruturas eclesiais e particularmente num encontro com um mundo aparentemente ateu e ateizante, mas ávido, mesmo sem o saber, numa razão para viver.

---

<sup>23</sup> *Ibid*, p. 80, n° 26

# **O PRESBÍTERO, MINISTRO DA EUCARISTIA**

JOSÉ GONÇALVES VIEIRA

## **Introdução**

O ministério do presbítero, pode ser abordado a partir da sua espiritualidade pastoral, profética e litúrgica. A presente reflexão integra--se fundamentalmente dentro da espiritualidade litúrgica, embora tenha algumas afinidades com a espiritualidade pastoral.

A Igreja vive o seu sacerdócio nos factos concretos da sua existência, mas nem por isso deixa de ter os seus ritos. Com efeito, num movimento constante de fidelidade às origens, a Igreja celebra os seus sacramentos como memorial de Cristo. Ele é o Senhor vivo e está vivo. Torna-Se presente mediante o seu próprio Espírito que anima a Igreja. A celebração litúrgica significa e contém a presença operante de Cristo, que é a força contínua da Igreja. A liturgia é a continuação, pela Igreja, da função sacerdotal de Jesus, que nela Se torna presente. A Eucaristia é um dos meios que permite a continuação da obra e missão redentora de Jesus, e assim se torna fonte de espiritualidade sacerdotal. A Eucaristia é fundamental na vida do presbítero, porque é a fonte donde lhe vem a sua espiritualidade específica.

## Eucaristia e ministério

A multiplicação de missas na época medieval reduziu praticamente o ministério do presbítero ao âmbito sacramental e mais concretamente à celebração da Eucaristia. De facto, muitos foram os chamados «altaristas», que se ordenavam só, ou quase exclusivamente, para o serviço do altar. A Eucaristia foi considerada, a partir daquela época, como algo exclusivo do sacerdote: ele era, na verdade, o celebrante activo, enquanto que os fiéis eram meros «espectadores passivos» que «ouviam missa»;<sup>1</sup> o próprio facto do presbítero celebrar a Eucaristia de costas voltadas para o povo, vem confirmar esta perspectiva. A obra do Concílio de Trento e de S. Pio V, não obstante uma certa timidez (compreensível pelo facto de ter as suas atenções mais viradas para a questão do Protestantismo), conseguiram levar a cabo as reformas mais urgentes. De facto, os textos saídos do Concílio de Trento sobre o ministério do presbítero são já bastante renovadores (realça já a importância da palavra no ministério do presbítero). No entanto, como o principal objectivo do Concílio era resolver a questão do Protestantismo, a sua doutrina acerca do ministério do presbítero acabaria por não ser suficientemente desenvolvida; prova disto é que a época pós-tridentina viria a exagerar ainda mais a perspectiva da sacralidade do presbítero, já acentuada na Idade média, acabando por cair novamente em alguns erros desta.

O ministério sacerdotal do presbítero, com toda a sua carga de sacralidade, era o que prevalecia na teologia e, conseqüentemente, na espiritualidade sacerdotal. O Vaticano II, na *Presbyterorum Ordinis*, (nº 2) apresenta-nos uma visão mais ampla do ministério do presbítero na sua tripla função de pregar a palavra, celebrar os sacramentos e conduzir o Povo de Deus e na *Lumen Gentium* (nº 21) diz que «na pessoa do Bispo, assistido pelos presbíteros, está presente no meio dos fiéis o Senhor Jesus Cristo, o qual, através do seu ministério prega a palavra de Deus a todas as gentes, administra continuamente aos crentes os sacramentos da fé e orienta o Povo do Novo Testamento na sua peregrinação por este mundo».

---

<sup>1</sup> Cf. PERE LLABRES, *La celebración de la Eucaristia en la vida del sacerdote*, in *Phase* 165-166 (1988) p. 354.



## 1. Sacerdócio comum e sacerdócio ministerial

Segundo algumas erradas opiniões,<sup>2</sup> toda a comunidade cristã, pelo simples facto de se reunir em nome de Jesus Cristo e por isso beneficiar da sua presença, está dotada de todos os poderes que o Senhor quis conceder à sua Igreja. A Igreja seria apostólica no sentido de que todos os que foram baptizados e feitos participantes do ofício sacerdotal, profético e real de Cristo, são também verdadeiros sucessores dos apóstolos. E visto que nos apóstolos está prefigurada toda a Igreja, teria que se concluir daqui que, também as palavras da instituição da Eucaristia, dirigidas a eles, estariam destinadas a todos e que por muito necessário que seja para o bom funcionamento e ordem na igreja, o ministério episcopal e presbiteral não se distinguiria do sacerdócio comum pela participação do sacerdócio de Cristo em sentido estrito, mas somente por causa do exercício. Assim sendo, o chamado ofício de guiar a comunidade (que inclui também o de pregar e presidir à Eucaristia) seria um simples mandato atribuído a alguém, em ordem ao bom funcionamento da mesma comunidade, mas que não deveria ser «sacralizado». Partindo destes princípios, e em virtude da apostolicidade de cada comunidade local, se uma comunidade viesse a encontrar-se privada da Eucaristia, ela poderia designar e escolher o próprio presidente e animador, conferindo-lhe todas as faculdades necessárias para a condução dessa mesma comunidade e consequentemente para a presidência da celebração eucarística. Todas estas opiniões pretendem afirmar que o poder ou a faculdade de celebrar a Eucaristia não está unida ao sacramento da Ordem.

Frente a estas opiniões erróneas, a posição da Igreja é muito clara e o Concílio Vaticano II expressou a certeza de que apenas os bispos ou os presbíteros podem presidir ao mistério eucarístico: «*O sacerdócio ministerial ou hierárquico diferencia-se essencialmente, e não apenas em grau, do sacerdócio comum dos fiéis*» (*Lumen Gentium*, 10). Com efeito, apesar de todos os fiéis participarem do único e idêntico sacerdócio de Cristo, apenas o ministro ordenado está capacitado, em virtude do sacramento da Ordem que faz participar da

---

<sup>2</sup> Cf. S. CONG. PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre algumas questões relativas ao ministério da Eucaristia*, in *Phase* 139 (1984) p. 44

sucessão apostólica, para celebrar o sacrifício eucarístico «in persona Christi» e oferecê-lo em nome de todo o povo cristão. Logo, a especificidade do ministro ordenado não lhe vem do Baptismo (tal como acontece no sacerdócio comum), mas sim do sacramento da Ordem, onde o presbítero deve encontrar o seu carácter específico.

Contudo, não podemos cair no outro extremo, considerando a participação dos fiéis na Liturgia, nomeadamente na Eucaristia, apenas como um privilégio ou uma concessão. Trata-se de um dever e um direito, inerentes ao sacerdócio dos fiéis, também ele de origem sacramental (Baptismo).<sup>3</sup> Com efeito, o sujeito da celebração é toda a Igreja, sem distinções, enquanto composta de cabeça e membros.

## 2. Eucaristia:

centro e referência de toda a ministerialidade sacramental

A tradição mais primitiva é recordada pelo Concílio Vaticano II, que considera a Eucaristia como centro, princípio e fim de todos os sacramentos, ministérios eclesiais e obras de apostolado: «*os restantes sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiais e obras de apostolado, estão vinculados com a sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, na Santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo*».<sup>4</sup>

Na celebração eucarística os presbíteros desempenham a sua principal função e colaboram directamente na obra da redenção e santificação da humanidade. Dar a Eucaristia à Igreja é o acto ministerial mais decisivo que pode realizar um presbítero (porque é a fonte de todo o seu ser e fundamento de toda a sua actividade); e, no entanto, paradoxal-mente, é o acto no qual o sacerdote põe menos da sua própria pessoa, visto que a Eucaristia não é fruto da pessoa singular do ministro, mas sim do único Senhor da glória, que actua visivelmente através do ministro.<sup>5</sup> A Eucaristia é o centro da vida cristã e da vida

<sup>3</sup> Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 14

<sup>4</sup> *Presbyterorum Ordinis*, 5

<sup>5</sup> Cf. PÈRE TENA, *Espiritualidad litúrgica del sacerdote*, in *Phase* 161 (1987) p. 379

eclesial, e é por isso mesmo que ela é também o centro de toda a ministerialidade. De facto, sendo a Igreja sacramento radical e a Eucaristia sacramento de unidade e comunhão («a Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia»), todos os sacramentos e ministérios devem ser entendidos, administrados e vividos em relação com a Eucaristia.<sup>6</sup>

O Congresso de Espiritualidade Sacerdotal, realizado em Madrid em Setembro de 1989, reafirmou a centralidade da Eucaristia na vida do sacerdote. Com efeito, nas apertações dos trabalhos de grupo deste congresso, concluiu-se que «a Eucaristia é o acto mais importante e comprometedor do sacerdote... Portanto nada e ninguém deveria antepôr-se à centralidade da Eucaristia na vida do sacerdote».<sup>7</sup>

O papa João Paulo II, na sua carta sobre o «Mistério e Culto da Eucaristia» dirigida a todos os bispos da Igreja, recorda esta perspectiva: «A Eucaristia é a principal e central razão de ser do sacramento do sacerdócio que, efectivamente, nasceu no momento da instituição da Eucaristia... O sacerdote desempenha a sua missão principal e manifesta-a em toda a sua plenitude ao celebrar a Eucaristia».<sup>8</sup>

A Eucaristia é o centro de toda a ministerialidade do presbítero e a sua principal fonte de espiritualidade.

## A Eucaristia, fonte da espiritualidade sacerdotal

Hoje em dia, não se pode entender a espiritualidade do presbítero à margem da sua identidade presbiteral. Se o ministério presbiteral tem a sua identidade, tem também garantida a sua espiritualidade.

---

<sup>6</sup> Cf. BERNARDO VELADA GRANA, *Los presbíteros, ministros de la palabra de Dios, de los sacramentos y de la Eucaristia*, in *Los presbíteros. A los diez años de 'Presbyterorum Ordinis'*, (= *Teologia del Sacerdocio*, 7) Burgos, Ed. Aldecoa, 1975, p. 125

<sup>7</sup> *Síntesis de las aportaciones de los grupos a la ponencia quinta: Espiritualidad del seguimiento según el modelo apostólico*, in CONGRESO, *Espiritualidad sacerdotal*, Madrid, Ed. Edice, 1989, p. 571

<sup>8</sup> JOÃO PAULO II, *Mistério e culto da Eucaristia*, 24 Fev 1980, in (= *Documentos Pontifícios* 20), Braga, Ed. A.O., 1980, p. 79

A vertente fundamental da identidade do presbítero é a sua capacidade de actuar «in persona Christi capitis», capacidade esta que lhe é conferida pelo sacramento da Ordem: «*A sacramentalidade do ministério é a característica mais específica da identidade do presbítero*».<sup>9</sup> Nesta perspectiva, a principal função do presbítero, e que o especifica como tal, é exactamente presidir à celebração da Eucaristia, onde o presbítero renova constantemente o sacrifício de Cristo, pois, configurando-se com Ele, reactualiza o mistério pascal mediante a oblação da sua própria pessoa: «*A celebração da Eucaristia faz entrar os presbíteros na fonte de um amor que não guarda nada para si mesmo, mas que se entrega obedientemente aos desígnios do Pai e ao serviço incondicional dos irmãos. O aprender a presidir bem à Eucaristia não é nem mais nem menos que a aprendizagem do amor 'entregue', fonte e fundamento de toda a espiritualidade sacramental*».<sup>10</sup>

A Eucaristia proporciona ao presbítero a máxima intimidade com Cristo que, por sua vez, ao comunicar-lhe – através desta mesma intimidade e comunhão sacramental – o seu Espírito, permite ao presbítero alcançar o cume da sua vida espiritual, como recorda o Sínodo de 1971: «*O mistério eucarístico é como que o eixo da espiritualidade sacerdotal, enquanto que a ele se refere a obra da salvação, e dele se nutre a caridade pastoral*».<sup>11</sup>

A Eucaristia coloca no centro da espiritualidade presbiteral a oferenda existencial de Cristo, instituída na Última Ceia e realizada na Cruz. O presbítero recebeu o dom do envolvimento pessoal no dinamismo desta oferenda que, por sua vez, o leva a depositar sobre o altar, a realidade da sua vida: «*Entre todos os auxílios espirituais sobressaem os actos pelos quais os fiéis se alimentam da palavra de Deus, na dupla mesa da Sagrada Escritura e da Eucaristia. De quanta importância seja a sua assídua frequência, para a própria santificação dos presbíteros, não há ninguém que não o veja*».<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> A. VANHOYE, *Sacramentalidad del ministerio y su repercusión en la persona ordenada*, in SIMPOSIO, *Espiritualidad del presbítero diocesano secular*, Madrid, Ed. Edice, 1987, p. 71

<sup>10</sup> ANTONIO C. ATIENZA, *El ejercicio del ministerio, fuente de espiritualidad sacerdotal*, in *Seminarios* 117 (1990) p. 346

<sup>11</sup> SÍNODO DOS BISPOS, *El sacerdocio ministerial*, in *Seminarios* 44 (1971) p. 394

<sup>12</sup> *Presbyterorum Ordinis*, 18

## 1. A Eucaristia e o presbítero como sacramentos de Cristo

O ministério presbiteral sempre foi entendido em referência a Cristo. Tal como se entendeu o ministério sacerdotal, assim se entendeu a referência a Cristo: a um ministério «ontologista» (perspectiva que durou séculos e que diz que, pelo sacramento da Ordem, o presbítero fica revestido de um carácter ôntico) correspondeu uma relação fixista do «alter Christus» (ou seja, que devido ao seu carácter ôntico o presbítero é--o para sempre, por isso a sua relação a Cristo é definitiva); a um ministério funcional (perspectiva mais recente que defende que o presbítero é-o enquanto exerce o seu ministério) correspondeu uma relação puramente intencional (ou seja, que se o ministério do presbítero só é válido enquanto ele o exerce e opta livremente por ele, a sua relação a Cristo será puramente intencional, isto é, que só é válida enquanto ele quer).<sup>13</sup>

O Vaticano II apresenta a relação do presbítero com Cristo a partir de perspectivas várias: a *origem do ministério* (LG 18; 28 2 PO 2), a *natureza do presbiterado* – participação do sacerdócio de Cristo (PO 2) –, a *próprio ministério* – na acção ministerial Cristo faz-se presente (LG 21; 28 e PO 2) –, e o *sacramento da Ordem* (PO 2). Segundo o Concílio, «a dimensão cristológica é insubstituível para a compreensão do presbiterado». <sup>14</sup> Com efeito, é essencial para o presbítero a referência à «representatio Christi», que significa a centralidade do sacerdócio de Cristo, sempre presente e operante na Igreja, mas também a referência radical, original e sacramental do ministério a Cristo.

Na verdade, é Cristo quem actua pessoalmente em cada sacramento que se celebra. O sacerdócio de Cristo não se extinguiu com a sua morte, mas foi instituído e perpetuado através dos ministérios da Igreja, especialmente do ministério sacerdotal, que exerce visivelmente o sacerdócio do único sacerdote, actualmente invisível, mas absolutamente activo. «Da

---

<sup>13</sup> Cf. SATURNINO GAMARRA, *La espiritualidad del presbítero en el momento actual. Retos y rasgos*, in *Sal Terrae*, 896 (1988) p. 215

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 215

*pessoa de Cristo, invisivelmente presente na Igreja, continua brotando aquela força que curava a todos (cf. Lc 6, 19) e a aplica através da presença visível do presbítero que, por isso mesmo, deve ser como que um sacramento de Cristo, demonstrando em todos os seus gestos o poder de santificação e conversão, sendo símbolo visível da graça invisível».*<sup>15</sup>

O Congresso sobre a Espiritualidade Sacerdotal, acima referido, vem confirmar esta linha de pensamento: «*A espiritualidade sacerdotal deriva da sua relação com a pessoa de Cristo e, portanto, com a sua missão redentora prolongada no seu corpo eclesial. O presbítero actua 'in persona Christi' porque, no seguimento do Mestre, chega a identi-ficar-se com a sua pessoa e, de maneira específica, com a sua existência 'entregue'».*<sup>16</sup>

As diferentes perspectivas da relação do presbítero com Cristo articulam-se a partir da sacramentalidade do ministério. Nesta perspectiva podemos considerar a Eucaristia como sacramento de Cristo. A Eucaristia existe como sacramento do mesmo Cristo: o sacramento do «feito» de Cristo passa assim ao sacramento da Eucaristia, sacramento que nos incorpora em plenitude a Cristo. A capacidade de transformação, própria do sacramento eucarístico é muito grande: converte o pão e o vinho (símbolos da nossa vida) em Cristo, a vida das próprias pessoas em fraternidades e as estruturas civis em justiça. «*A mesa da Eucaristia é o símbolo da grande mesa do mundo, daí que não a devemos separar da mesa da vida, da presença de Cristo no próximo e na comunidade. Mas esta presença de Cristo é realidade e sacramento de quê? De Cristo em nós e de nós em Cristo».*<sup>17</sup>

### 1.1. Identificação existencial do ministro com o mistério que celebra

Cristo está presente e age pela pessoa do ministro ordenado. Este não está apenas e simplesmente investido numa função mas, em virtude da ordenação recebida, foi instituído para agir «in persona Christi»; a

<sup>15</sup> GRANA, *Presbíteros*, p. 121

<sup>16</sup> JOSÉ MARIA BELLOSO, *Situación socio-cultural y espiritualidad de los sacerdotes*, in CONGRESO, *Espiritualidad sacerdotal*, Madrid, Ed. Edice, 1989, p. 68

<sup>17</sup> JOSÉ LARRABE, *Ministerio y vida de los sacerdotes*, in *Seminarios* 73 (1979) p. 301

isso deve corresponder a sua atitude interior e exterior. O exercício do ministério sacramental implica e exige ainda, uma configuração existencial e espiritual com o ministério que se celebra. A graça do Espírito Santo e o carisma comunicado aquando da imposição das mãos são indispensáveis nesta configuração.

Uma das funções do presbítero é desvelar o mistério que celebra.<sup>18</sup> Esta função, chamada «mistérica», só é possível a partir da atitude celebrativa do presidente, da sua sensibilidade totalizadora, da sua capacidade de expressar o mistério e chegar até às fibras mais profundas do homem. Mas para que ele consiga isto, é necessário que, previamente, tenha interiorizado e compreendido esse mesmo mistério que celebra. Só quando ele se identificar com esse mistério é que ele será um instrumento fiel de transmissão mistérica a outros. Com a sua atitude, a sua palavra, os seus gestos, o presidente pode ajudar, sugerir e introduzir no mistério, desde que se situe na dimensão mais profunda do mistério que pretende comunicar. Para além da sua configuração existencial com a pessoa de Cristo (com a conseqüente necessidade de partilhar os seus mesmos sentimentos), também esta identificação existencial com o mistério celebrado promove a espiritualidade do ministro da Eucaristia.

Na Eucaristia, o mistério celebrado é o mistério pascal. O presbítero ao celebrar a Eucaristia tem como dever, não só introduzir-se no mistério pascal e identificar-se com o que celebra, mas deve encontrar uma fórmula eficaz de o comunicar aos fiéis. A própria Eucaristia o pode ajudar nesta sua missão, pois ela mesma é horizonte de compreensão do mistério pascal.

## 1.2. A Eucaristia

### como horizonte de compreensão do mistério pascal

A compreensão cada vez mais profunda e intensa do mistério pascal de Jesus Cristo é outra das atitudes espirituais exigidas pelo exercício consciente do ministério sacerdotal, e que alimenta duma

---

<sup>18</sup> DIONÍSIO BORÓBIO, *Eucaristia para el pueblo*, Bilbao, Ed. Desclée de Brouwer, 1981, pp. 295-296

forma concreta a espiritualidade do ministro. Para tal, é necessário que o presbítero entre plenamente nesse ritmo da acção salvífica de Cristo, sempre consciente da prioridade da iniciativa divina e da sua acção no exercício do seu ministério sacerdotal. A Páscoa não está encerrada no passado: ela é tornada presente e actual na celebração dos sacramentos, e dum modo especial na Eucaristia, através dos quais se dá a inserção dos crentes no mistério pascal. Por conseguinte, celebrar a Eucaristia é o grande serviço prestado pelos presbíteros a Jesus Cristo, único sacerdote, pois oferecendo o sacrifício eucarístico que introduz, sob a forma de sacramento, no nosso mundo e no nosso tempo, o mistério pascal, tornam presente Jesus Cristo ressuscitado. Pelas palavras que o sacerdote pronuncia «in persona Christi» torna-se presente, na sua oblação, o sacrifício da Cruz, do qual a Eucaristia é memorial.

Apesar disto, a celebração do mistério pascal (embora contenha nela a palavra que proclama o seu sentido), não esgota o seu conteúdo: «*O mistério pascal para ser autenticamente vivido, deve animar toda a vida profana... É necessário fazer penetrar este espírito (do mistério pascal) em toda a vida privada, conjugal, social e até económica e política*».<sup>19</sup> Seria muito mais fácil para o presbítero falar aos fiéis acerca do mistério pascal, e conduzi-los a Cristo na celebração do memorial da Morte e Ressurreição, e depois despedi-los, dizendo-lhes: «*Ide em paz, estais livres...*». Tal não é justo, pois seria uma falta de realismo e introduziria a vida cristã numa duplicidade de vida: um culto celebrado na igreja e outro vivido fora da igreja com um sistema de valores diferenciados. «*É necessário afirmar que é missão pastoral do sacerdote... acompanhar o leigo na sua vida familiar, recreativa, económica e mesmo política, para o ajudar a viver nela o mistério pascal*».<sup>20</sup> Mas antes disto tudo, é indispensável que o presbítero seja o primeiro a viver esse mistério e a torná-lo presente na sua vida. Trata-se duma profunda conversão da sua atitude (e maneira de ser) mais interior, com uma revisão contínua desta sua conversão.

---

<sup>19</sup> FERNAND BOULARD, *Actitud sacerdotal y celebración pascual*, in *Misterio Pascual* (= *Nueva Alianza* 11), Salamanca, Ed. Sígueme, 1967, p. 463

<sup>20</sup> *Ibid*, p. 466



## 2. A Eucaristia, fundamento da comunhão eclesial

A relação do presbítero com a Igreja é outra característica da identidade do presbítero. De facto, para além de actuar «in persona Christi capitis» (na pessoa de Cristo cabeça), o presbítero também actua «in persona ecclesiae» (na pessoa da Igreja): «*Ser ministro da Eucaristia não é simplesmente possuir, pela ordenação, a potestade espiritual de consagrar o corpo do Senhor; é estar a presidir à comunidade reunida, para receber e oferecer a palavra feita oblação; é permitir, a partir do serviço, o culto existencial dos fiéis*».<sup>21</sup>

Compete ao presbítero procurar que a Eucaristia seja o centro e o cume de toda a vida da comunidade cristã: «*Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da Santíssima Eucaristia, a partir da qual, portanto, deve começar toda a educação do espírito comunitário*».<sup>22</sup> Assim, «*a celebração da Eucaristia é, sem dúvida, um acontecimento central na Igreja. Mesmo hoje, jamais nos podemos cansar de acentuar que a Missa... não se pode conceber apenas como o constituir-se da presença real de Cristo no sacramento em função de uma comunhão entendida o mais possível em sentido individualista... Nós podemos e devemos dizer: a participação no corpo físico de Cristo, mediante a sua manducação, obtém-nos a graça de Cristo, na medida em que este comum comer do único pão é sinal eficaz da participação... e da incorporação naquele corpo de Cristo, a Igreja, fora da qual não se pode ter parte no Espírito Santo*».<sup>23</sup>

Tendo como base a dimensão pascal da Eucaristia, a partir da qual se constrói toda a teologia da Eucaristia em relação à Igreja, o Concílio Vaticano II chegou à conclusão que a realidade da Eucaristia consiste em formar a Igreja, ou seja, a unidade do Corpo de Cristo.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> LORENZO TRUJILLO, *Relaciones propias del presbítero y su espiritualidad*, in CONGRESO, *Espiritualidad sacerdotal*, Madrid, Ed. Edice, 1989, p. 153

<sup>22</sup> *Presbyterorum Ordinis*, 6

<sup>23</sup> KARL RAHNER, *Chiesa e sacramenti*, Bréscia, Ed. Queriniana, 1966, p. 83

<sup>24</sup> Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 6; *Sacrosanctum Concilium*, 5, 6, 10

Neste aspecto, a teologia recorda-nos a doutrina ortodoxa tradicional: «A Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja». Esta expressão indica a riqueza da eclesialidade eucarística: fala da mútua dependência e assinala a sua própria essência. Com efeito, na Eucaristia aparecem concentradas, e como que em síntese, todos os aspectos essenciais da própria Igreja e vice-versa. A Eucaristia é *palavra e sinal*, o mesmo que deve ser a Igreja (palavra que se prega e sinal que testemunha); a Eucaristia é *reunião* (assembleia reunida) e *missão* (envio e despedida da assembleia), exactamente como acontece com a Igreja que é congregação dentre todas as gentes para a missão; a Eucaristia é *unidade e caridade fraterna*, o mesmo acontecendo à Igreja, que também ela é unidade no amor e fraternidade na justiça; finalmente, a Eucaristia é *acção de todo o povo organizado hierarquicamente*, sendo também a Igreja um povo que actua na vida, através duma ordenação de serviços e ministérios.<sup>25</sup>

Dentro da Eucaristia podemos distinguir várias vertentes da comunhão eclesial: a comunhão com o Bispo, com o Papa, com todos os cristãos, com toda a comunidade humana e com os santos e defuntos.

Pelo facto de ser ministro da Eucaristia, o presbítero é construtor da comunidade eclesial, na medida em que, através da celebração do sacrifício eucarístico, promove a incorporação de todos os homens no Corpo de Cristo, isto é, a Igreja.

### 3. A Eucaristia:

fundamento da evangelização e alma do apostolado

«A Eucaristia aparece como fonte e coroa de toda a evangelização enquanto os catecúmenos são pouco a pouco introduzidos na partici-pação da Eucaristia e, os fiéis, já assinalados pelo sagrado Baptismo e pela Confirmação, são plenamente inseridos no Corpo de Cristo pela recepção da Eucaristia».<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> DIONÍSIO BORÓBIO, *Fundamentación sacramental de los servicios y ministerios*, in *Phase* 167 (1987) p. 511

<sup>26</sup> *Presbyterorum Ordinis*, 5

O presbítero, como ministro da Eucaristia, exerce poderosa influência nas consciências para organizar e levar a cabo o cumprimento do ‘pleroma’ anunciado por S. Paulo: «*O Deus tudo em todos*» (1 Cor 15, 28). Porém, esta exigência polariza toda a vida do presbítero no seu desejo sincero de restaurar a realidade do Corpo de Cristo, tornando possível o diálogo, educando no amor, promovendo as relações humanas e movimentos de aproximação (ecumenismo).

Na Eucaristia o presbítero encontra o ânimo para voltar à missão, incentivando os cristãos a continuarem nas suas vidas tudo aquilo que na Eucaristia celebraram. Deste modo, e com o seu testemunho, o presbítero convida a fazer de cada gesto da vida, um gesto «eucarístico» de entrega, pois é na Eucaristia que nasce a força da entrega aos outros e a Deus. Confirmando esta linha de pensamento, a *Presbyterorum Ordinis* recorda que «*a celebração da Eucaristia, para ser sincera e plena, deve levar não só às várias obras de caridade e auxílio mútuo, mas também à acção missionária...*».<sup>27</sup> Porém, constatamos que as Eucaristias se multiplicam, mas a Igreja não cresce. Se a Eucaristia significa tantas coisas importantes, porque razão depois da Eucaristia as coisas continuam como antes? A que se deve o facto de as nossas comunidades não se renovarem? Algo de importante falhou. A razão desta falha encontra-se sobretudo na falta de disposição e irresponsabilidade em aceitar a missão e na carência de dispositivos pastorais e ofertas concretas, que tornem possível o cumprimento de tal missão.

A Eucaristia é, ainda, a «mola» que dá impulso à caridade pastoral, porque só a partir da entrega aos irmãos e, sobretudo, aos mais pobres, é que a Eucaristia se poderá tornar o centro e a raiz da existência do presbítero. A Eucaristia é a máxima expressão de caridade e o presbítero não poderá subir legitimamente ao altar se pactua com a injustiça, com a opressão, com o ódio, ou seja, se não amar verdadeiramente e reassumir, na sua própria vida, as inquietações e os esforços dos seus semelhantes; de igual modo não deverá descer dele, se não for para se misturar activamente nas vicissitudes do mundo com o fim de transformar e vivificar as relações entre os homens. Em suma, faltarà à Eucaristia algo de substancial, se a sua acção não se estender à comunidade na qual se celebra e à qual é

---

<sup>27</sup> *Ibid*, 6

destinada.<sup>28</sup> Para além de ser o fundamento da evangelização, a Eucaristia é também a «alma» do apostolado. Sendo a «alma» de todo o apostolado, a Eucaristia é também a «alma» de todo o serviço e ministério eclesial, na medida em que quando são realizados, são autenticados pela própria Eucaristia; quando postos em acção, ela impulsiona-os; quando promovem a participação dos crentes, ela exige e compromete.

Toda esta vivência vai ter as suas repercursões na vida do ministro da Eucaristia, pois este seu ministério exige uma vida cheia de valores, que lhe permitem responder às exigências desse mesmo ministério. É neste sentido que podemos entender a evangelização e o apostolado como virtualidades da Eucaristia, que promovem a espiritualidade sacerdotal. A Eucaristia exige do ministro que não se encerre no acto celebrativo, mas se expanda para além dele, fazendo da sua acção pastoral e evange-lizadora um prolongamento da acção de graças da própria Eucaristia.

## **A Eucaristia e seus desafios para o presbítero**

Nos últimos trinta anos, devido à renovação teológica e litúrgica que o Vaticano II promoveu, saíram a público inumeráveis estudos acerca da Eucaristia, nomeadamente quanto à sua função e lugar na vida do presbítero, que nos apresentam a Eucaristia em toda a sua riqueza de conteúdo e em toda a sua variedade de perspectivas. Mas, *«de que servem as declarações e documentos oficiais da Igreja, as investigações dos peritos, os estudos dos especialistas, as experiências dos pastores, se não são traduzidos, transmitidos e colocados ao alcance dos fiéis?»*.<sup>29</sup> Que adianta ao presbítero saber muito, se não o sabe comunicar aos seus fiéis?

Esta dissonância poderá ser superada com a educação dos leigos para a sua responsabilidade e função na Igreja e a promoção da sua participação efectiva nos actos litúrgicos, e concretamente na Eucaristia.

---

<sup>28</sup> Cf. JUAN HERNÁNDEZ, *Espiritualidad y misión*, in *Seminarios* 52 (1974) p. 33

<sup>29</sup> BORÓBIO, *Eucaristia*, p. 8

A doutrina do magistério tem realçado este aspecto. Contudo, verifica-se que a teoria não chega, pois os ministros facilmente constataam a falta de vitalidade e participação por parte dos fiéis (cheia de automatismos e ritualismos). Com frequência, a Eucaristia é uma realidade que «não se compreende», «aborrece» e «não diz nada».<sup>30</sup> Isto não se soluciona apenas com uma simples catequese, embora também seja necessária. A catequese não efectua por si só uma renovação, mas é um elemento importante e necessário. É urgente de ajudar os crentes a descobrir a força vital da Eucaristia, passando inevitavelmente por uma nova catequese que responda aos anseios e expectativas do homem do nosso tempo e pela capacidade do presbítero deixar transparecer nos seus gestos, palavras e atitudes a vitalidade do mistério que celebra, estando atento a todos os desvios culturais que possam deturpar a verdade do mistério.

### 1. Riscos actuais

de esvaziar a Eucaristia do seu conteúdo mais essencial

A Eucaristia é o centro vital de toda a Igreja, e concretamente da vida do presbítero. Quando os crentes e os presbíteros, falseiam e deformam o significado da Eucaristia, quando a esvaziam do seu conteúdo autêntico e empobrecem a sua celebração, correm o risco de pôr em questão a Igreja como espaço de comunhão e mobilização para a acção pastoral, e reduzir o presbítero a um executor de ritos.

#### 1.1. A evasão cultural

Fala-se da «evasão cultural» como a primeira tentação dos cristãos, incluindo os presbíteros, que se congregam para celebrar a Eucaristia.<sup>31</sup> A liturgia eucarística facilmente se pode converter em evasão e fuga da vida real: pode funcionar como um refúgio que protege e defende da vida dura, difícil, conflitiva e desumanizada. É muito tentador a procura da Eucaristia para descanso e libertação da vida vertiginosa (*stress*), e sentir a satisfação do cumprimento dos deveres religiosos que garantem a salvação.

---

<sup>30</sup> Cf. *Ibid*, 10

<sup>31</sup> Cf. ANDRÉ FERRET, *La Eucaristia. Teología y praxis de la memoria de Jesús*, Santander, Ed. Sal Terrae, 1980, p. 94

O presidente da Eucaristia tem a missão de interpelar os cristãos para a necessidade de «acordar» para a vivência eucarística, e não usarem as Missas como satisfação moral. Aliás, não é possível celebrar o memorial do Senhor, insensíveis e indiferentes ao que acontece no tempo presente. A voz do presbítero denuncia estas dissonâncias e estas contradições, e a atitude do presbítero, através do seu testemunho de vida, ensina a inserção nos problemas dos homens e a encontrar na Eucaristia, não um descanso ou uma fuga, mas a força para a verdadeira missão.

### 1.2. O cisma entre o sacramento do altar e o sacramento do irmão

Corre-se, frequentemente, o risco de se pretender comungar com Cristo na mais estreita intimidade, sem se realizar a comunhão com os irmãos. Não é verdadeira a comunhão do pão eucarístico, ignorando a fome de milhões de seres humanos privados de pão, de justiça e paz. Não é legítima a celebração do sacramento do amor, sem uma revisão aos egoísmos individuais e colectivos, aos silêncios criminosos, à apatia perante situações sociais intoleráveis. Uma comunidade que não toma a sério a opressão e a injustiça que crucifica os homens não toma a sério o sacramento do amor. O esforço por uma renovação litúrgica e pastoral das celebrações não tem sentido se não for acompanhado de um esforço de renovação e humanização. Estando aberto a todos, promovendo a concórdia entre os seus fiéis e fazendo da sua amizade e fraternidade uma realidade que não está apenas destinada a alguns, o pastor, ao celebrar o mistério eucarístico, está realmente a celebrar o sacramento do amor: o sacramento do altar não pode estar separado do sacramento do irmão, pois uma das funções da Eucaristia é fazer dos participantes um só Corpo em Cristo.

### 1.3. Carga pastoral

Actualmente, valoriza-se muito o valor do ministério, em ordem à espiritualidade do presbítero. A evolução do pensamento conciliar é notável: num primeiro momento pedia-se a santidade do presbítero em razão do seu ministério e no Decreto *Presbyterorum Ordinis* (nº 12-13), a santidade do presbítero faz parte do próprio ministério. De uma santidade *no* sacerdote para o ministério, passou-se a uma espiritualidade do presbí-tero *por/através* do ministério.<sup>32</sup> No fundo, o Concílio colocou o minis-tério como fonte e raiz da espiritualidade sacerdotal: «*Os presbíteros atingirão a santidade pelo próprio exercício do seu ministério...*».<sup>33</sup> Esta perspectiva doutrinal do Vaticano II acabou por ser mal interpretada, pois permitia a leitura de que quanto mais se faz, mais se santifica, pois é exercendo o ministério que se promove a espiritualidade. Ora isto leva forçosamente a uma sobrecarga pastoral (sobrepõe-se o *fazer ao ser*). O Vaticano II não quis chegar a este ponto mas que «*os presbíteros, implicados e dispersos por muitíssimas obrigações do seu ministério, podem perguntar como lhes será possível reduzir à unidade a sua vida interior com a sua acção exterior. Esta unidade de vida não pode ser construída com a mera ordenação externa do seu ministério, nem apenas com a prática dos exercícios de piedade, por mais que isto concorra para ela*» (*Presbyterorum Ordinis*, 14).

Na realidade, o presbítero dos nossos dias apresenta a imagem de um executivo da pastoral. Assistimos, concretamente, a uma inflação, multiplicação e acumulação de Missas. Facilmente observamos as dificuldades com que os párocos se deparam para responder a tantos pedidos de celebrações (Funerais, Casamentos, Baptizados, etc.). Esta situação pastoral conduz a uma ritualização e infravalorização do mistério eucarístico. Os padres são poucos e estão a caminho de serem cada vez menos. As tarefas, longe de diminuir, multiplicam-se.<sup>34</sup> Entra-se quase num círculo vicioso: a diminuição do número de padres e o seu envelheci-

<sup>32</sup> Cf. GAMARRA, *Espiritualidad*, p. 222

<sup>33</sup> *Presbyterorum Ordinis*, 13

<sup>34</sup> Cf. BORÓBIO, *Eucaristia para el pueblo*, p. 9

mento vem aumentar ainda mais a carga pastoral e, conseqüentemente, dá-se um esvaziamento vivencial daquilo que se faz: «*O sacerdote apa-rece como militante ou como um executivo da pastoral, e não como um sacramento de Cristo, que parte o pão da sua palavra e oferece o seu 'eximium servitium' para que o próprio Senhor saia ao encontro dos crentes com a graça da salvação, produziu-se um obscurecimento muito perigoso do ministério sacerdotal*». <sup>35</sup>

## 2. Pistas de reflexão

Não basta constatar estes fenómenos, esperando que eles se resolvam por si mesmos, é necessário averiguar as causas deste esvaziamento que torna a Eucaristia desprovida do seu verdadeiro sentido (e que a impede de ser fermento da espiritualidade específica do presbítero), e procurar uma resposta urgente para este problema.

O problema da carga pastoral está no facto de ainda não se ter aprofundado suficientemente o ministério, e concretamente a celebração da Eucaristia, como fonte de santificação pessoal. Passa constantemente pelas mãos do presbítero a graça do ministério sem que, no entanto, ele se detenha a «bebê-la» e a «saboreá-la», caindo muitas vezes na rotina e na superficialidade, convertendo-se em mero funcionário do sagrado. Ainda não se conseguiu um equilíbrio entre o *fazer* e o *ser*, e dá-se ao trabalho um valor excessivo em detrimento da identidade sacerdotal. <sup>36</sup>

Em relação à Eucaristia, o presbítero encontra-se frequentemente confrontado com um grande paradoxo: as gritantes necessidades dos fiéis famintos da Eucaristia e as suas capacidades humanas e espirituais de multiplicar celebrações, com o risco de as converter em meros ritos. Perante a escassez do número de padres e o seu envelhecimento, é preciso procurar novas soluções pastorais. A tendência actual coloca o acento sobre o ministério do presbítero, sobre a função que ele exerce na Igreja, mais do que sobre a pessoa do ministro. <sup>37</sup> Uma comunidade reunida não

---

<sup>35</sup> TENA, *Espiritualidad*, p. 382

<sup>36</sup> Cf. *Síntesis*, p. 568

<sup>37</sup> Cf. ROBERT COFFY, *O Padre, Ministro da Eucaristia*, in *Liturgia e Vida* 166 (1981) pp. 13-14



pode tomar de assalto um dom de Deus. Ela recebe-o do seu Senhor por intermédio do ministro ordenado que não age enquanto delegado desta comunidade, mas em nome de Cristo para a comunidade. Não podemos pois conceber que a assembleia litúrgica celebre a Eucaristia sem um presbítero.<sup>38</sup> É Cristo quem preside à celebração e assegura a sua eficácia, mas fá-lo através do ministério sacerdotal. Desta forma, o presbítero não é um funcionário que possa ser substituído por um leigo no exercício do seu ministério próprio. Ele responde ao «Vem e segue-Me» que lhe dirige o seu Senhor e com Ele se compromete pessoalmente no ministério que lhe é confiado. Logo, o ministério presbiteral não consiste numa realidade em si, pois trata-se sempre da actividade de uma pessoa que recebeu o «poder» pela imposição das mãos. Neste contexto, devemos reconhecer a prioridade à pessoa do ministro em detrimento do ministério. O ministério do padre é, com efeito, uma função que não pode ser exercida senão por um cristão ordenado. É o acto duma pessoa que age «in persona Christi». O presbítero em pessoa é sacramento de Cristo e não uma mera função.

A promoção e a valorização dos ministérios laicais em áreas de grandes carências pastorais pode ajudar a combater o funcionalismo religioso e defender a identidade do ministro. Esta solução pastoral constituirá um desafio à comunidade, para que tome consciência da carência de padres como um problema que os atinge, e assim envolvê-los e comprometê-los na promoção das vocações sacerdotais. Esta pastoral litúrgica tenderá a diminuir o número excessivo de missas com que o presbítero se vê confrontado, salvaguardando assim o valor da Eucaristia, acto que requer uma intensidade espiritual e pastoral que não pode repetir-se excessivamente, sem detrimento do seu valor santificador para o ministro.

Uma catequese séria e profunda pode iluminar o conteúdo e a realidade do mistério eucarístico (a partir da nossa vida concreta e para essa mesma vida), promovendo ao mesmo tempo uma participação plena e eficaz dos leigos e buscando formas que os comprometam. Uma catequese administrada sem um apelo à responsabilidade de cada um, seria inócua. A formação litúrgica de base deve ser acompanhada duma

---

<sup>38</sup> Esta temática já foi aflorada no capítulo: '*Sacerdócio comum e ministerial*', p. 2

purificação das atitudes pessoais de cada crente, de uma renovação profunda e sincera da comunidade e finalmente duma transformação das próprias estruturas sociais, em mais justas e fraternas.

Uma melhor distribuição das tarefas pastorais possibilitaria um trabalho mais qualificado, o devido descanso e a formação permanente de cada presbítero, porque para se responder digna e qualificadamente ao ministério, é necessário um equilíbrio da saúde física e mental.

Todas estas situações são demasiado complexas. Conscientes das dificuldades que tudo isto comporta, o presbítero procurará orientar o exercício do seu ministério de acordo com a sua vocação e missão. O fundamental é que ele tenha sempre presente que, independentemente daquilo que faz, o importante é que aquilo que ele fizer, seja sempre expressão da sua essência e identidade específica. Muito ou pouco, o trabalho pastoral do presbítero não deve desvirtuar a sua identidade; é urgente que ele consiga uma harmonia e equilíbrio entre o *fazer* e o *ser*, de modo que tudo aquilo que ele seja e faça constitua a sua espiritualidade. A vocação e missão eucarística do presbítero fazem da Eucaristia a fonte por excelência da sua espiritualidade específica. O presbítero que celebra e vive a Eucaristia, cultiva e tem garantida a sua espiritualidade.



